Y
O JOVEM
INDIANA JONES™
E O
TESOURO DA PLANTAÇÃO
WILLIAM McCAY

WILLIAM McCAY

O JOVEM INDIANA JONES E O TESOURO DA PLANTAÇÃO

Título original:
Young Indiana Jones and the Plantation Treasure

O PRINCÍPIO

A lamparina reflectia sombras bruxuleantes que dançavam à volta das paredes da biblioteca de Ravenall Hall. O dono da casa, Ashley Ravenall, estava de pé junto às janelas de batente. Lá fora, o pôr do Sol coloria de tons alaranjados os campos de algodão da sua fazenda da Carolina do Sul.

Voltou para a sua secretária, suspirando.

Pegou na caneta pousada sobre o diário. Mergulhou-a num tinteiro e começou a escrever:

"13 de Setembro de 1858.

Ravenall Hall.

Hoje não queria pegar na caneta. Contudo, sinto que devo registar as novidades. O advogado Harkwood, de Charleston, respondeu finalmente à minha carta. A história não é bonita.

Os agentes de Harwood compraram setenta fardos de algodão, seis barris de melaço e dois escravos da minha plantação. Nos registos do meu feitor, Harlan Clegg, não constam tais vendas. Isto confirma as minhas suspeitas.

Clegg é um ladrão."

Ravenall recostou-se na sua cadeira e esfregou os olhos. Depois voltou a escrever:

"Tenho de descobrir se Clegg roubou mais alguma coisa. Receio que lho tenha facilitado.

Desde o ano em que a minha mulher faleceu, não tenho tido cabeça para o negócio.

Oh Elizabeth! Como posso eu passar sem ti diariamente? Mas devo pôr de lado o desgosto e trabalhar para assegurar o futuro.

Clegg pode ter roubado o nosso algodão.

Mas as suas mãos nunca hão-de tocar nos bens da nossa

família.

A nossa riqueza deverá passar para os futuros Ravenall. Já tomei providências para que assim seja. Apesar das insistências de Clegg para comprar mais escravos, tenho ainda guardado o dinheiro da nossa excelente colheita. Será para investimentos mais sensatos. Fábricas, vias férreas... muitos empreendimentos novos. Nos próximos anos, sustentará os meus filhos e permitirá que eu faça algo de justo aos meus trabalhadores negros. Eu e a Elizabeth falámos nisso muitas vezes. Agora fá-lo-ei. Quando morrer, todos os meus escravos serão livres. Poderão chamar-me louco, traidor para o Sul. Todavia, não creio que esteja-mos a proceder bem, seguindo este rumo insensato. Vivemos do trabalho de seres humanos. Chamamos-lhes propriedade. Compramo-los e vendemo-los.

E estamos a atrasar-nos em relação ao resto do país. Agora até ameaçamos quebrar a união destes Estados Unidos. E tudo isto por causa da escravatura.

O plano é claro. Está escrito no projecto do meu testamento. A minha família ficará protegida, haja o que houver.", Ravenall suspirou. Em seguida, voltou a pegar na caneta e a escrever:

"Coitados dos meus filhos! Haverá dinheiro para eles, se eu morrer antes de tempo.

Mas receio que Clegg deite as mãos ao dinheiro deles. Escondi o meu dinheiro e as cartas de Harkwood.

Só eu sei onde estão.

Amanhã, o meu advogado da cidade, Dexter Fairburn, também saberá.

Ele será o guardião do meu segredo e da fortuna dos Ravenall.,"

Ravenall meteu à pressa no bolso um molho de papéis. Depois voltou ao seu diário.

"Agora preciso de ensinar os mais novos.

A pista para o seu futuro estará sempre à sua frente. Mas

deverão saber para onde olhar."

Ravenall sorriu ao pensar nisso.

"Eles devem aprender. Se o pai morrer, deverão perguntar pelo tesouro à jovem escrava da cozinha, Harriet Robinson."

Ainda sorrindo, Ravenall fechou o diário.

Depois de fechado parecia um livro normal.

A sua encadernação de cabedal verde condizia com um conjunto de livros nas prateleiras da biblioteca. Tinha mesmo letras douradas na lombada, que soletravam um título.

Ravenall leu em voz alta Os Sermões de Cotton Mather. Harlan Clegg não é o tipo de pessoa para ler os sermões de um pregador.

Especialmente de um pregador ianque.

Enfiou o disfarçado diário num espaço vazio da prateleira.

— Apenas mais um livro na biblioteca — murmurou.

De mãos nos bolsos, batendo de leve no papel do testamento, entrou no hall. Ravenall chamou:

— Thomas, o meu cavalo está pronto?

Vou sair e encontrar-me com o advogado Fairburn. Momentos depois, Ashley Ravenall atravessou as portas de batente e avançou para o seu cavalo.

Saiu a correr para o seu encontro, um encontro que não chegou a ter.

CAPÍTULO 1

— Detesto chapéus de palha — resmungou o jovem Indiana Jones enquanto descia a rua. Puxou para baixo a aba rija do chapéu.

O seu cabelo rebelde repeliu-o.

— Parece que alguém me pôs uma caixa de queijo na cabeça.

— Um chapéu de palha masculino é o mais adequado para um jovem — disse o pai de Indy, Prof. Henry Jones. — Afinal, estamos em 1913. Não queres estar na moda?

— Mas eu tinha um chapéu óptimo. Sabes o que aquele homem me deu em Utá- protestou Indy.

— Esse é bom para o campo — disse o Prof. Jones. — Mas agora estamos numa grande cidade.

— Georgetown? — Indy olhou de relance para os edifícios ao longo da rua empedrada.

— Washington — corrigiu o professor. Eu sou professor na Universidade de Georgetown, mas nós vivemos na capital da nossa nação. E é uma cidade muito quente na Primavera.

— Limpou a testa com um lenço. Para este tempo, precisas de...

— Ar de pateta — interrompeu Indy.

— Roupas leves. Como esse bonito chapéu. — finalizou o Prof. Jones. Se ouviu Indy não deu qualquer sinal. Em vez disso, tirou do bolso do colete um relógio de ouro. -Tenho uma conferência dentro de alguns minutos.

Queres vir comigo ou ficas sozinho?

— Com este chapéu toda a gente me evitaria — suspirou Indy. — Vai tu, pai. Em que sarilhos me poderei eu meter?

— Tu surpreendes-me sempre.

Henry Jones seguiu rua abaixo. Contudo, depois de alguns passos, voltou-se para trás.

— Esse chapéu ficaria muito melhor se não o enfiasses

pela cabeça abaixo. Tenta um pouco de estilo. — O professor inclinou, de forma elegante, o seu chapéu e pôs-se a caminho. Resmungando, ainda, Indy dirigiu-se para a rua deserta e irregular. Não havia ninguém. Em Georgetown toda a gente evitava o calor da tarde.

Indy viu a sua imagem refletida na montra de uma loja fechada.

— Um pouco de estilo, hein?- Pôs-se no vão da entrada e usou como espelho o vidro laminado da porta. Primeiro experimentou inclinar o chapéu para trás. — Horrível. Puxando o chapéu para trás ainda ficava pior. — E que tal para o lado? Parece que vou cantar. — Através do espelho improvisado viu movimento. Alguém estava por trás dele.

Três pessoas. Um homem grande, ruivo, surgiu atrás de uma mulher jovem. Ele colocou vigorosamente a sua mão na boca dela. O outro homem, de barbas, cabelo escuro, saltou de uma charrete puxada a cavalos. Os dois esforçavam-se para tirar algo da rapariga. Obviamente, não tinham visto Indy à entrada da porta. Mas iriam vê-lo agora.

Indy atravessou a rua a correr. Os dois brigões estavam de costas para ele. O barbudo encostou a cara contra a da rapariga, rosnando:

— Apanhámo-la, menina, ficaremos com esse livro.

— Querem ler? Leiam este! — Indy saltou de repente detrás do barbudo. Este ficou estarrecido, soltando a rapariga.

A rapariga aproveitou logo a ajuda. Livre do barbudo, deu um pontapé na canela da perna do homem mais alto.

O homem de cabelo ruivo gritou, deu um salto para trás e a rapariga ficou livre. Mas antes que ela pudesse dar dois passos, o homem prendeu-a novamente. Indy atravessou-se no caminho, apenas para dar espaço de lado. Cambaleando para trás, Indy sentiu o chapéu cair-lhe. Isso não era importante. Tinha de deter aquele tipo antes que o seu companheiro de barba preta voltasse a atacar.

Indy atirou-se a ele. Agarrou as pernas do homem ruivo, como num golpe de futebol americano... Ambos caíram. Mas o desordeiro libertou-se e foi de novo atrás da rapariga.

Indy perdeu o balanço e o fôlego na luta.

Quando se levantou do chão, o bandido já estava fora do seu alcance. Mas a rapariga estava a meio do caminho do quarteirão, a gritar. Pouco depois, Indy ouviu atrás de si o rangido de um tacão de sapato na calçada. Caiu para o lado ao levar um murro na cabeça. O bandido barbudo tinha voltado!

Indy tinha de esquivar-se. Como poderia ver-se livre do homem para poder ajudar a rapariga? Mas ela era bem capaz de tomar conta de si.

Com os gritos dela, abriam-se estrondosamente as janelas que davam para a rua.

— Larguem a rapariga! — gritou alguém.

— Polícia! Polícia! — Ouviram-se várias vozes ao mesmo tempo.

O homem ruivo parou de correr atrás dela.

Olhou espantado para todas aquelas testemunhas que o miravam de um modo feroz.

— E agora, Beau? — perguntou ele ao homem de barba preta.

— Agora, cavamos daqui.

Os homens chocaram com Indy atirando-o contra a parede. Saltaram para a charrete.

Beau puxou com força as rédeas dos cavalos e partiram a toda a velocidade...

Indy afastou-se lentamente da parede.

Era tarde de mais, os homens tinham escapado.

Mas, pelo menos, a rapariga estava salva. Ela voltou atrás e parou no meio da rua. Baixou-se, apanhou alguma coisa do chão e dirigiu-se depois a Indy.

— Receio que isto tenha sido atropelado disse ela numa fala arrastada do Sul.

Tinha na mão o chapéu de palha de Indy. Estava machucado no meio.

Indy não pôde deixar de rir. Talvez as coisas se estivessem a compor.

Sorriu, enquanto olhava para cima. Deu consigo a olhar espantado. A rapariga era bonita e tinha cerca de 18 anos.

Quatro anos mais velha que ele. Usava um chapéu de palha de aba larga sobre o cabelo louro dourado.

Indy tinha já visto estátuas de deusas gregas que se pareciam com ela. Exceto que esta deusa tinha sardas no nariz e nas bochechas. E os olhos eram de um azul como ele nunca tinha visto.

—Ainda bem que não ficaste a olhar assim quando te atiraste àqueles tipos — disse-lhe a rapariga. — Estaríamos os dois em sarilhos.

Indy compreendeu duas coisas. A primeira, que a sua cara estava a ficar vermelha. A segunda, que a sua boca parecia desarticulada do cérebro.

— Não foi correcto da minha parte dizer isso — desculpou-se ela. — E ainda mais tendo-me ajudado e tudo. — Ela hesitou um momento e depois estendeu a mão. — Sou Elizabeth Ravenall, Lizzie.

— Eu, eu sou, ah, Henry Jones. — Calou-se.

Teria ele dito Henry? — Mas as pessoas tratam-me por Indy, de Indiana.

Lizzie espantada disse:

— Soa a nome ianque.

— O meu pai e eu vivemos por todo o país disse Indy. — Ele é professor. Neste momento está a dar aulas na Universidade de Georgetown.

— Na Universidade? — exclamou ela.Eu venho da Carolina do Sul para me encontrar com um professor da universidade. Mas não consegui falar com ele.

Ela olhou confiante para Indy.

— O teu pai por acaso é historiador?

Perdido naqueles enormes olhos azuis,

Indy teria dado tudo para dizer que sim. Mas abanou a cabeça.

— O meu pai ensina literatura medieval.

— Oh — Lizzie encolheu os ombros. — Bem, não me parece que conheças então o Dr. Walton.

— O Dr. Zachary Walton? — perguntou Indy com um grande sorriso.

— É esse mesmo — respondeu Lizzie, espantada.

— Ele é um amigo do meu pai.- Indy sentiu o coração a bater. Seria capaz de ajudar Lizzie só para continuar a vê-la! — Tenho a certeza de que o meu pai proporcionará o teu encontro com o Dr. Walton. Deverei dizer mais alguma coisa ao Dr. Walton, quer dizer, que posso ajudar?

Lizzie olhou para Indy com um ar divertido.

Ele percebeu que estava a falar de mais.

—Quero mostrar ao Dr. Walton o diário secreto do meu avô — disse ela.

Indy baixou a cabeça, tentando controlar-se.

— É só isso? Quer dizer, estou disposto a fazer mais.

Lizzie abanou a cabeça.

— Diz-lhe apenas que é sobre a época anterior à Guerra Civil, e sobre o tesouro.

CAPÍTULO 2

Na noite seguinte, a família Jones recebeu duas visitas na sua pensão.

A primeira foi Lizzie Ravenall. Quando o Prof. Jones a viu subir as escadas, olhou de relance para Indy.

— O meu rapaz está a crescer.

— Então, pai — disse Indy, sentindo as suas faces corarem: — Ela é apenas uma rapariga:

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa,

Lizzie chegou.

— Olá, Indy — cumprimentou ela. sorrindo, olá, Lizzie — disse Indy com timidez Tinha lutado com bandidos, enfrentado cobras e quase tinha morrido. Porque seria que não conseguia falar normalmente quando uma rapariga bonita lhe sorria? Encheu o peito de ar. — Elizabeth Ravenall, este é o meu pai, o Prof. Henry Jones. Lizzie cumprimentou o pai de Indy com um aperto de mão.

— Obrigado pela sua ajuda, professor.

— Com todo o prazer, Miss Ravenall. Além do mais, Indy não me deixaria em paz enquanto eu não falasse com Zachary — respondeu o Prof. Jones. Indy sentia as orelhas a ficarem vermelhas. Mas o pai continuou. — Penso que poderemos conversar aqui no quarto em vez da sala. É mais privado.

— Agradeço bastante, professor — disse Lizzie, apertando contra o peito um embrulho de papel castanho. — Vim de muito longe para me encontrar com o Dr. Walton. Custou-me muito dinheiro. Mas penso que valerá a pena.

— Bem, creio que a sua determinação está prestes a ser recompensada-disse o pai de Indy. — Estou a ouvir alguém a subir.

O Dr. "achary Walton apareceu pouco depois.

Era um homem alto, de ombros caídos, como se tivesse passado muito do seu tempo à secretária. Tinha o cabelo

grisalho e o rosto comprido sempre triste. Mas a característica mais notável do Dr. Walton era o seu bigode. Este era grande, grisalho e cuidadosamente revirado nas pontas.

O Dr. Walton passou um dedo numa das pontas do bigode. Depois inclinou-se para Lizzie Ravenall.

— Então, tu és a pequena que deixou aquelas mensagens todas no meu escritório disse ele. — Ora bem, minha senhora, por que é que procura este velho ianque?

Lizzie esperou até se sentarem na sala do Prof. Jones. Depois virou-se para o Dr. Walton e disse:

— Sei que o senhor é um grande historiador.

É uma autoridade sobre a época anterior à Guerra Civil. Toda a gente conhece o seu livro, As Nuvens da Tempestade. Até as pessoas da Carolina! Temos conhecimento de muita gente com quem se encontrou: ex-senadores, congressistas, fazendeiros e até escravos libertados. É uma maravilha.

— Estou impressionado com o que sabes sobre o meu trabalho — disse Walton.Mas não creio que essa tenha sido a razão para este encontro.

— É uma longa história. Reporta-se a cinquenta e cinco anos atrás, aos dias anteriores à guerra — disse-lhe Lizzie. — Mas que poderá chegar até aos nossos dias.

— Conta lá. — Walton sentou-se, mostrando-se interessado.

— Começa com o meu avô, Ashley Ravenall disse Lizzie. — Em 1858, ele foi encontrado morto, flutuando num riacho. As pessoas pensam que tenha sido atirado pelo cavalo da ponte abaixo. Mas o avô era um excelente cavaleiro.

Ela abanou a cabeça e continuou:

—.Há mais ainda. O avô tinha estado a escrever o testamento. Tinha ido a cavalo encontrar-se com o seu advogado para o discutirem.

Contudo, não encontraram nenhuns papéis com ele.

— É realmente misterioso — disse o Prof. Jones.

— Quer dizer, suspeito — disse Indy.

Lizzie encolheu os ombros.

— É ambas as coisas. Sem um testamento, o Estado

arrastou o assunto para o tribunal. O banco rematou Ravenal Hall e as terras.

—A tua família perdeu tudo? — perguntou Indy.

Lizzie disse que sim com a cabeça.

— O feitor, Harlan Clegg, ajudou o banco a rematar a propriedade. Depois da guerra, comprou-a por uma pechincha. Dois dos três rapazes da família Ravenall Hall morreram durante a guerra. O terceiro era o meu pai. Ele foi para o Oeste para refazer a fortuna da família. — Os olhos da rapariga reluziam de lágrimas. — Não resultou. Voltou para casa doente, casou com a minha mãe, e morreu poucos anos depois de eu ter nascido.

Quase não me lembro dele.

— Então tu és a última pessoa da família Ravenall? — perguntou o Dr. Walton.

— Sim, sou eu — respondeu Lizzie. — E tudo o que tenho é o nome da família Ravenall.

Agora é propriedade dos Clegg. O filho de Harlan é o grande patife de lá. Ele não gosta dos Ravenall. — Lizzie ergueu a cabeça em ar de desdém, fazendo saltar os caracóis louros... — Mas nós, os Ravenall, nunca gostámos dele.

O Dr. Walton examinou o seu bloco de notas onde tinha apontado tudo o que Lizzie dissera.

— Espero que não te importes que eu tome notas. É o hábito de historiador que está latente em mim. Coleccionei histórias como esta durante anos, volumes e volumes de diários. Suspirou e parecia um pouco mais velho.

— Tenho tão pouco tempo para falar com as pessoas que viveram antes e depois da guerra. Muitos já morreram. Já temos registos que nos podem ajudar a encontrar a verdade.

— Bom, parece que as suas notas são um bom caminho — disse Lizzie.

— Devíamos ter uma biblioteca inteiramente dedicada à época da Guerra Civil.

Os olhos do Dr. Walton brilharam intensamente como se estivesse a rezar. Depois esse brilho empalideceu um pouco. — Foi por isso que vim para Washington. Tenho falado com

senadores e congressistas. Todos eles pensam que a ideia da biblioteca é boa. Não há dinheiro para ela, mas pensam que é uma óptima ideia. — Suspirou outra vez. — Isso é problema meu, e não de Miss Ravenall.

Como é que a tua história tem relação com os dias de hoje?

— Encontrei isto. — Lizzie desembrulhou o pacote. Dentro estava um livro de cabedal verde com letras douradas sumidas.

Indy olhou de esguelha tentando ler o título.

— Os Sermões de Cotton Mather?

— É o título. Mas olha lá para dentro. — Ela abriu o livro para mostrar páginas seguidas escritas à mão. — É o diário secreto do avô.

Estava escondido na biblioteca da casa da fazenda. A minha mãe desfez-se de alguns livros. Harlan Clegg pensou que não prestavam. Lizzie mordeu o lábio, recordando:

— Quando a mãe morreu, decidi vender as nossas coisas. Tinha acabado o curso de secretariado e estava a mudar-me para Charleston para arranjar um emprego. Um dia abri o livro e encontrei isto.

Mostrou as últimas notas ao Dr. Walton.

Este leu-as em voz alta, enquanto Indy e seu pai ouviam fascinados.

— Então o teu avô escondeu um tesouro.

Mas nunca disse aos netos como encontrá-lo disse Walton, batendo com os dedos na página.

— E diz que ia levar o testamento para a cidade.

— A parte importante, penso eu, é a referência que faz à escrava da cozinha, Harriet Robinson — frisou Lizzie.

— Eu reparei nisso — disse Walton. — O teu avô deve ter sido um homem muito liberal. Naquele tempo, a maioria dos escravos não tinha apelidos.

— O avô queria ser um bom patrão. Ele encorajou mesmo os empregados a terem nomes.

— Já falaste com essa Harriet? — perguntou Halton. — Ela ainda é viva?

— Não sei — respondeu Lizzie. — Harlan Clegg foi um patrão cruel. Muitos escravos fugiram. A maioria foi trazida de volta, mortos ou vivos. Harriet Robinson foi das que teve sorte. Conseguiu escapar, talvez porque tivesse tido ajuda.

— A Ferrovia Subterrânea? — perguntou o Prof. Jones.

Lizzie assentiu com a cabeça e o Dr. Walton sorriu.

— Agora começo a compreender.

— Ainda bem que alguém compreende — disse Indy. — O que é essa Ferrovia Subterrânea?

Parece que havia imensos túneis.

— Não era propriamente um caminho de ferro — disse o Dr. Walton.-Não havia linha férrea nem locomotivas.

—Apenas algumas pessoas muito corajosas e determinadas — continuou o pai de Indy. — A Ferrovia Subterrânea ajudava os escravos fugidos das fazendas do Sul a chegarem ao Norte, onde não havia escravatura.

— Ele olhou de relance para o Dr. Walton.

— Mas esta é a área de Zachary.

— Nesse tempo, ajudar um escravo a fugir era infringir a lei — explicou o Dr. Walton.

— Era roubar a propriedade de alguém.

Mas as pessoas que eram contra a escravatura estavam dispostas a arriscar serem presas. Tinham lugares secretos onde escondiam os escravos. Havia também carruagens com compartimentos secretos. Tenho visto mapas com centenas de percursos, indo de cidade em cidade.

" Havia casas, ao longo dos percursos, onde os fugitivos se podiam esconder. Eram chamadas estações. E as pessoas que lá viviam eram os agentes ferroviários. Algumas dessas pessoas chegaram a ir ao Sul para conduzirem os escravos pelo caminho da liberdade. Eram conhecidos como sendo os chefes.

— E tudo isso era contra a lei?- perguntou Indy.

— No Sul, as pessoas apanhavam doze anos de cadeia por ajudarem os fugitivos. Os Estados do Norte não devolviam os escravos.

Mas o governo federal tornou-se participante nesse acto.

O Congresso aprovou uma lei para escravos fugidos. Então os proprietários podiam ir buscar os seus escravos ao Norte e trazê-los acorrentados. E, assim, a Ferrovia Subterrânea estendeu as suas linhas até ao Canadá. Aí, os captores de escravos não podiam fazer o seu trabalho sujo.

— Deve ter sido uma grande organização disse o Prof. Jones.

— Foi, certamente. Mas há uma série de histórias que não estão registadas. É por isso que tento falar com o maior número possível de veteranos. Preciso de factos. — Walton endireitou-se na cadeira. — Eu sou uma das poucas pessoas que conhece os caminhos de fuga verdadeiros.

— Por isso é que eu quis encontrar-me consigo — disse Lizzie. — Gostaria de saber qual o percurso que Harriet tomou. Pode dar-me uma pista do lugar onde está agora. Se ainda for viva. chary Walton abanou a cabeça:

— Queres seguir uma pista de há cinquenta e cinco anos? Tudo por causa de uma vaga referência a um tesouro num velho diário?

É impossível.

— Não para toda a gente — disse Indy Excitado. — Lizzie, quando aqueles tipos te atacaram o que é que disse o da barba?

Qualquer coisa acerca de um livro, talvez o diário? Lizzie acenou com a cabeça, parecendo um pouco embaraçada.

— Eu contei-vos que o filho de Harlan Clegg, o seu nome é Gideon, é o rei daquele sítio. Bem, quando li o diário, falei com algumas pessoas da propriedade de Clegg. Contei-lhes como provava que o velho Harlan tinha roubado o meu avô. Talvez também tivesse falado no tesouro... Penso que tenha chegado aos ouvidos de Gideon. Este criou um clima insuportável quando regressei a casa.

— Talvez Clegg queira manter essa tensão sugeriu Indy. — E se esses dois homens violentos que te perseguiram foram mandados por ele?

Ficaram todos calados por momentos, pensando nisso. Depois chary Walton bateu as mãos com tanta força nas coxas

que sobressaltou todos. Tinha tomado uma decisão.

— Miss Lizzie, acho que não vai ser fácil encontrar Harriet Robinson. E quem sabe se ela poderá explicar alguma coisa sobre esse tesouro.

A cara de Lizzie esmoreceu.

— Mas terei muito gosto em ajudar-te a tentar encontrar o tesouro do teu avô.

Lizzie Ravenall sorriu exultantemente para o historiador de cabelos grisalhos.

— Eu também gostaria de ajudar — falou Indy, inadvertidamente.

O Prof. Jones olhou surpreendido para o seu filho. Ia falar, mas Indy apressou-se.

— O pai vai estar ocupado na universidade.

E eu aposto que eles podem aproveitar outro par de mãos ou de pernas, ou seja o que for.

— Eles precisam, realmente, é de sorte — disse, pausadamente, o Prof. Jones.

— Bem, eu posso ajudar a encontrar...

— Filho, eu não gosto de te dizer isto, mas tu tens uma tendência para encontrar apenas uma coisa.

— Uma coisa? — perguntou Lizzie.

— Problemas. — Disse o Prof. Jones, abanando a cabeça. — Neste caso, Miss Ravenall, penso que é o que vão encontrar.

CAPÍTULO 3

Na manhã seguinte Indy reprimiu um bocejo.

Era de madrugada, e já estava de pé. O sol da manhã incidia-lhe directamente nos olhos. Reajustou o velho chapéu de feltro que trouxera de Utá, de modo a que a aba cortasse a luz forte.

Indy andava impaciente de um lado para o outro. Estava ansioso por começar a procurar Harriet Robinson: Seria exçitante seguir os velhos caminhos de fuga. E o Dr. Walton tinha um desses carros novos da Ford. A aventura espreitava-o e ele estava pronto.

Mas em vez de um motor, Indy ouviu o som firme dos cascos de um cavalo a baterem nas pedras da calçada, clop, clop, clop...

Seria, assim, quando as carruagens faziam a entrega do leite? Depois apareceu uma velha charrete puxada por dois cavalos. Lizzie Ravenall e Walton vinham sentados nos bancos da frente.

— Iremos atravessar algumas estradas muito más na Virgínia — explicou o Dr. Walton, bamboleando as rédeas. — Por isso, pensei que seria melhor conduzir esta velha coisa. Desapontado, Indy subiu para a charrete.

— Não percebo por que é que não vamos primeiro a Washington -disse ele. — Para quê ir para baixo, para a Virgínia?

— Muitos caminhos de fuga vinham dar perto de Washington, mas os fugitivos evitavam a cidade- explicou Walton. — Era muito fácil ser apanhado a atravessar as pontes para a cidade. O distrito da Columbia era uma zona de escravos, com imensos captores. Houve uma altura em que os escravos eram vendidos à vista do Capitólio.

Lizzie Ravenall abanou a cabeça.

— Difícil de acreditar.

— Era um tempo estranho — disse o Dr.

Walton. — Tanto o Norte como o Sul tinham fortes sentimentos acerca da escravatura.

Por fim pararam de argumentar e começou a luta, quatro anos de guerra civil.

— No Sul, chamamos-lhe a guerra entre os Estados — disse Lizzie.

— Foi mais que isso — acrescentou Walton. -Famílias inteiras separavam-se quando algum dos seus membros tomava o partido dos Estados do Sul, a Confederação, enquanto que os outros eram do Sindicato.

Irmão contra irmão. Amigo contra amigo.

Tenho ouvido a mesma história triste de muita gente. Contam como o seu melhor amigo morreu nos seus braços, vestindo o uniforme do outro lado.

Os olhos de Indy arregalaram-se.

— Como pode alguém lutar contra o seu melhor amigo? .

— Acontecia — disse Walton tristemente.

— É por isso que a minha biblioteca é tão importante: ajudaria as pessoas a compreenderem.

Os três ficaram silenciosos ao passarem pelas ruas calmas de Georgetown. Indy olhou timidamente de relance para Lizzie, sentada ao lado de Walton. Pelo menos, hoje não tinha falado demasiado como um idiota. Por enquanto. Atravessaram uma ponte sobre o rio Potomac, em direcção ao Sul, e depois ao Oeste.

— Tomaremos Leesburg pela via rápida de Georgetown — explicou Walton. — Depois iremos pela parte sul de Potomac. Os percursos de fuga terrestres transviam-se para todo o lado. Mas todos eles se juntavam nos vaus. Por isso tentaremos o vau de Farmer.

É a Ferrovia Subterrânea mais próxima. Os fugitivos escondiam-se ali até poderem atravessar o rio na escuridão.

A charrete partiu com estrépito por entre os campos verdes, fazendo, ao longe, suaves elevações e depressões. Lizzie não via a paisagem. Os seus olhos corriam pela estrada

adiante, ansiosa por encontrar a primeira paragem na procura de Harriet Robinson e do tesouro.

A estação era uma casa pequena construída em madeira. As ruínas e um estábulo erguiam-se por detrás da casa.

— Isto pode ter sido incendiado durante a guerra, — disse Walton. — Houve muita luta nesta zona. Está alguém? — chamou, enquanto fazia parar os cavalos.

Um homem de cabelo grisalho saiu de casa.

— Estão perdidos?

— Ando à procura de Mose Harker — disse Walton.

O homem encostou-se a um pilar da varanda.

— Bem, o senhor acabou de o encontrar.

— Penso que, possivelmente, procuramos o seu pai — disse Indy. Este homem parecia demasiado novo.

— Vêm tarde de mais para o conhecer a ele ou à minha mãe. — O homem apontou para uma cercadura branca junto à casa.

Cercava duas pedras tumulares.

— É verdade que eles eram agentes ferroviários da Ferrovia Subterrânea? — perguntou Lizzie, ansiosa.

Mose Harker confirmou.

— A minha mãe e o meu pai nasceram livres.

A minha família é livre desde 1813, quando o juiz Randolph libertou a sua gente.

Por isso, quando alguma pobre criatura aparecia fugida, tentando a sua liberdade, eles ajudavam-na. Contavam-se histórias acerca disso.

— Estamos a tentar encontrar uma mulher disse Lizzie. — Ouviu alguma vez contar histórias sobre Harriet Robinson?

Mose abanou a cabeça.

— Não pensem que eles alguma vez mencionavam os nomes. Desculpem. — Pensou durante um momento. — Mas recordo-me de ouvir falar de outra estação perto do rio.

Fica a algumas milhas a oeste daqui.

— Eu conheço o lugar — disse o Dr. Walton.

— Iremos lá a seguir.

— Obrigado pela sua ajuda — acrescentou Indy. à

medida que a charrete começou a andar,

Lizzie olhou para trás para as sepulturas.

— Eram pessoas corajosas. Mas espero bem que não tenham ajudado Harriet Robinson.

Indy pestanejou.

— Queres dizer com isso que precisamos de pessoas que ainda estejam vivas, se quisermos obter factos concretos — disse o Dr.

Walton num tom firme, abanando a cabeça.

— Agora sabes o que um historiador sente.

O passo seguinte foi outra quinta. Maior e mais próspera, tinha uma casa caiada de branco, com grandes campos atrás. O homem novo que cortava madeira no terreiro largou o machado quando Walton lhe começou a fazer perguntas. Escorria suor pela cara pálida e sardenta.

— Isso foi na altura do meu avô. Nós ainda não vivíamos aqui. Ouvi histórias de Crazy Hayward que costumava passar pessoas clandestinamente. Mas... — O rapaz encolheu os ombros. Lizzie olhava muito melancólica à medida que seguiam ao longo da estrada.

— Teremos de enfrentar alguns contratempos pelo caminho — disse Walton, calmamente.

— Mas nem toda a gente se mudou ou morreu. Não percas a esperança.

Passavam agora por uma série de elevações. Observando os pequenos montes verdes da Virgínia, o historiador sugeriu:

— Sabem que é possível que a Harriet nunca tenha passado por aqui. As pessoas fugiam por todos os tipos de caminhos. Um homem enfiou-se num caixote e embarcou assim para a sua liberdade. Outros fugiram porque as mulheres se disfarçavam de fazendeiras doentes. Os maridos passavam por criados delas. Harriet pode ter encontrado um capitão de navio muito amável que a tenha deixado ir até ao Norte.

— Está a dizer que estamos a perder o nosso tempo? — perguntou Lizzie, ainda mais desencorajada. — Não encontraremos nem ela nem o tesouro?

— Certamente que não, se desistirmos — disse Indy. A charrete chegou ao cimo de um outeiro. Nesse momento Indy levantou-se subitamente do banco e olhou para trás.

— Acho que estamos a ser seguidos — disse ele. — Aquela charrete tem vindo atrás de nós. E eles param sempre que nós paramos para fazer algumas perguntas.

O Dr. Walton olhou preocupado.

— Quem poderá ser?

— Não quero ser descoberto numa estrada isolada. — Indy tirou rapidamente das mãos do Dr. Walton as rédeas dos cavalos.

Fê-las estalar com força e os cavalos começaram a andar a galope.

Correram pela encosta abaixo, em direcção a uma curva em Potomac.

—Já temos um bom avanço!-gritou Indy mais alto que o ruído ensurdecedor dos cascos dos cavalos.

O Dr. Walton deu-lhe um puxão no braço.

— Pára! A estação é mesmo aqui!

Indy parou a charrete perto da maior casa que tinham encontrado. Era parcialmente construída em pedra, com paredes de madeira pintadas de branco.

— Os donos desta quinta são quacres — disse o Dr. Walton, sacudindo algum pó da viagem e afagando o seu bigode. — A religião deles considera a luta como um grande demónio e proíbe-a. Os seus preceitos são também contra a escravatura. Muitos quacres trabalharam na Ferrovia Subterrânea.

— Esperemos que nos possam ajudar e depressa — disse Lizzie. — Não gosto da ideia de termos aquela charrete atrás de nós.

Foram até à varanda onde estava um velho sentado numa cadeira de baloiço. Parecia o Pai Natal de cara redonda corada e grande barba branca.

— Procuramos uma informação sobre a época anterior à guerra — disse Walton.

— Uma grande tragédia, a guerra — respondeu o

homem. — Em que posso ser útil?

— Sabemos que ajudou muitos escravos a fugirem para o Norte — respondeu Lizzie.

— Havia alguma mulher chamada Harriet Robinson?

Um sorriso calmo iluminou a cara do homem.

— Ah, Harriet. Uma rapariga corajosa.

— Ela esteve aqui? — perguntou Lizzie, excitada.

— Não só ela esteve aqui, como também esteve um captor de escravos. Como sabem, os quacres não usam a força. Neste caso,

Harriet safou-nos.

—Tomou conta do captor de escravos? — perguntou Indy.

— Na Bíblia, Sansão usou um maxilar de um asno para bater nos inimigos.-O quacre ria-se. — Harriet usou uma grande frigideira de ferro.

— Uma frigideira?- Indy não queria acreditar!

— Ela tinha-a trazido do lugar onde tinha servido como criada, na Carolina, penso eu.

— A cara do velhote era um monte de rugas cada vez que sorria, ao lembrar-se. — Quase que ia sendo apanhada à saída do bosque, pelo captor de escravos. Mas, bateu-lhe e conseguiu escapar-se.

— Quem me dera que ela aqui estivesse agora — interrompeu Indy.

— Todos queríamos isso — disse Lizzie.

— Quero dizer, no caso de haver luta — disse Indy olhando para trás, para a estrada.

Pela encosta abaixo, vinha uma grande carruagem. Dos quatro homens que transportava, dois eram conhecidos. Conhecidos em circunstâncias desagradáveis.

Um deles era grande, robusto e ruivo. O outro era mais baixo, de cabelo escuro e barba.

Indy lembrou-se de ambos.

Eram os homens que tinham atacado Lizzie Ravenall.

CAPÍTULO 4

Indy olhou para os campos isolados à volta.

Não havia outra casa à vista. Não tinham sítio por onde fugir. Voltando-se para o velho quacre, disse:

— Aqueles homens da carruagem andam a perseguir-nos. Pode ajudar-nos?

— Esta é uma casa pacífica — disse o homem.

— Não há armas lá dentro.

Durante um momento, esteve a pensar mordiscando o lábio.

— Mas posso arranjar-vos um meio de fugirem.

— Como? — perguntou Indy.

—Antes da guerra, os nossos vizinhos sabiam que ajudávamos os fugitivos — disse ele. — Revistavam-nos a casa, na esperança de apanharem os escravos. — Sorriu ao dizer isto. — Precisávamos de uma saída que eles não vissem.

Movendo-se, activamente, o quacre agarrou no braço do Dr. Walton e de Lizzie.

— Venham.

Levou-os à pressa para dentro de casa, conduzindo-os a todos para a sala. Era confortável com painéis de madeira e uma enorme lareira.

O velho avançou em direcção a um grande painel de madeira.

— Aqui está — disse ele, empurrando um dos cantos. Nada aconteceu.

— Não se mexe! — o homem voltou-se para Indy. — Filho, vê se dás um empurrão a isto.

Indy colocou a mão no sítio onde o velho tinha posta a dele, e empurrou. Mesmo assim, o painel não se moveu.

— Empurra com o ombro — disse o velho homem.

— Indy, por favor — disse Lizzie nervosamente.

Isto era o que Indy precisava de ouvir.

Empurrando com todo o seu peso o painel, Indy fez um esforço. De repente, o painel rodou com um rangido forte. Indy quase que ia caindo por uma escada que conduzia a um lugar escuro. aO nosso velho túnel de fuga — disse, orgulhoso, o homem. Depois, foi até à pedra da lareira buscar três velas. — Vai dar à casa de barcos perto do rio. Ainda lá tenho um barco a remos para a pesca. Remem corrente acima, até...

— Até chegarmos à casa de Gillis na margem de Maryland — completou o Dr. Walton.

— Conheço o caminho.

O solícito quacre disse:

— Tenham cuidado no túnel. Há cinquenta anos que não é usado.

Lizzie e o Dr. Walton acenderam as velas e atravessaram o painel secreto. Lá fora, ouviram o tinido dos arreios da carruagem dos perseguidores que acabava de parar.

— Ei, ó da casa! — ouviu-se a voz de um homem.

— Agora entra tu, rapaz — disse o velho quacre para Indy. — Ajuda-me desse lado a empurrar o painel e a fechá-lo.

Indy empurrou. A madeira foi ao sítio, mas com o movimento apagou-se a vela.

— Perfeito — resmungou Indy, andando completamente às escuras.

— Lizzie? — chamou ele esperançado. — Dr. Walton?

Ambos tinham ido à frente. Indy teve de descer as escadas às apalpadelas. Um dos degraus não estava no sítio onde ele esperava.

Foi a escorregar com os fundilhos das calças o resto do caminho.

— Realmente perfeito — gemeu ele, caindo num sítio sujo. — Só faltam agora algumas cobras.

Indy pôs-se de pé com cuidado e tocou numa parede cheia de porcaria. Tacteando a parede fria, foi caminhando em direcção a uma vaga luz.

Avançando gradualmente na escuridão,

Indy não pôde deixar de imaginar toda a espécie de coisas horripilantes. Lizzie e o Dr.

Walton. Finalmente!

Lizzie deu um grito de surpresa quando viu aparecer Indy da escuridão.

—Que é que aconteceu à tua vela?-perguntou ela, ao mesmo tempo que lhe tirava um fio de teia de aranha do cabelo.

— Apagou-se quando empurrei o painel — explicou Indy.

Lizzie sacudiu a teia de aranha dos dedos.

— Esta caça ao tesouro é trabalho difícil — disse ela fazendo uma careta. Indy olhou para o tecto, apenas uns metros acima deles.

—Pode ser perigoso também. Olhem como isto está a ceder. De facto...

Caiu-lhe na cabeça uma grande quantidade de lixo. O Dr. Walton arfava.

Indy rasgou o chapéu para o abanar, o que provocou ainda mais poeira.

— Eh, tem cuidado! — disse Lizzie.

— Mexe-te! — Indy pegou-lhe na mão e usou a vela para acender a sua. Conduziu-os para a frente, andando o mais rapidamente possível sem apagar a vela. Talvez fosse dos seus movimentos. Ou talvez fosse porque o túnel era muito antigo. Mas cada vez caía mais sujidade em cima deles.

Subitamente, desmoronou-se um pedaço de terra. O Dr. Walton caiu ao chão, arrastando consigo a vela que se apagou. Lizzie e Indy, um de cada lado, ajudaram-no a levantar-se.

Como fizeram as coisas precipitadamente, provocaram nova avalanche de lixo.

Quando chegaram a um espaço empedrado, ouviram um estrondo abafado atrás. Veio depois uma nuvem de pó. A vela de Lizzie apagou-se.

— Parece que deitámos a casa abaixo — disse Indy com um sorriso forçado.

— Indy! Podíamos ter morrido! — disse o Dr. Walton com voz trémula.

—Olhem para o sítio ao lado. Pelo menos, aqueles tipos

não nos podem seguir! — Indy levantou a vela que iluminou outra escada.

— Aqui está a saída.

Momentos mais tarde, estavam a empurrar outro painel secreto que dava para a casa dos barcos. O lugar estava vazio, havendo apenas um velho barco a remos.

— Espero bem que este barco se aguente melhor que o túnel — disse Indy.

Escondidos pelas árvores levaram o barco até à margem do rio. Indy olhou para trás para a casa da quinta. Estariam ainda lá Beau e os seus amigos?

Segurou o barco com firmeza enquanto Lizzie e o Dr. Walton subiam a bordo. Depois começou a remar. Ouviram gritos para além da casa dos barcos. Os bandidos procuravam-nos na quinta, mas não os conseguiam encontrar.

Inclinando-se para trás a cada remada,

Indy levou-os até bastante longe. Depois remou rio acima até perder de vista a quinta do velho quacre.

Lizzie remou um pouco e depois foi a vez do Dr. Walton.

— Teremos uma caminhada à nossa frente disse Walton quando ancoraram finalmente em Maryland.

— É pena não termos podido trazer a charrete no barco. — Indy atravessava os bancos de areia com dificuldade, puxando o barco para terra. Segurou-o firme enquanto o Dr. Walton descia. Depois agarrou Lizzie pela cintura e transportou-a até à margem do rio.

Indy nunca tinha estado tão perto dela.

Não viu onde pôs os pés e escorregou numa rocha. Lizzie caiu em segurança na margem.

Indy acabou sentado no rio com água até ao pescoço. Mesmo na água fria sentia as bochechas a arderem.

— Indy, pára com a brincadeira-disse o Dr. Walton. — Ainda temos de encontrar a Harriet. Caminharam os três para terra e depressa encontraram uma estrada. Cerca de meia milha à frente, ouviram aproximar-se ruidosamente uma carroça da quinta. Um único cavalo diligente puxava a carroça, e o condutor parecia adormecido no seu assento. Indy

fez-lhe sinal e pediu boleia para os três.

A carroça não andava depressa, mas era melhor do que ir a pé até à quinta de Gillis.

A casa da quinta era um edifício em pedra de dois andares, rodeada de campos verdes.

O velho Gillis, estava debruçado sobre o portão da frente, gozando o panorama.

O agricultor era velho, mas a sua cara enrugada tinha um aspecto bronzeado e saudável do trabalho ao sol. Um par de olhos azuis penetrantes observavam de perto os visitantes, à medida que estes se aproximavam.

Quando Lizzie Ravenall lhe perguntou por Harriet Robinson, o velhote sorriu.

— Lembro-me da rapariga com uma grande frigideira. Ela fez-nos o jantar. Muito hábil com aquela frigideira.

— Em vários sentidos- disse Indy. — Ela usou-a num captor de escravos na Virgínia.

O Sr. Gillis abanou a cabeça e riu-se.

— Eu ouvi essa história. Ela apenas pernoitou aqui, e depois foi para o Norte.

— Faz ideia do sítio para onde ela foi. . — perguntou Lizzie.

— Para Christiana, na Pensilvânia — disse Gillis. — Penso que fui eu que lhe sugeri.

É uma cidade onde se estabeleceu uma comunidade de negros livres.

— Christiana não é? — perguntou o Dr.

Walton, franzindo as sobrancelhas e pensando nas estradas possíveis.

— Muito obrigado — disse Lizzie ao velho agricultor.

Mas o Sr. Gillis não estava a olhar para ela.

Passou os olhos pela área para além da casa.

— Há alguém a atravessar aquele campo — disse ele.

Indy voltou-se de repente para a seara atrás. Os olhos de Gillis estavam realmente atentos. Notava-se, claramente, uma trilha de espigas que se moviam na direcção deles.

Distinguiam-se dois homens. Eram grandes e robustos,

vestidos com roupas grosseiras.

Indy não os reconheceu. Mas o fortalhudo reconheceu Lizzie.

— Ali está ela! — gritou um deles.

Indy agarrou o braço da rapariga.

— Corre!

O Dr. Walton e o Sr. Gillis foram bloquear o portão enquanto Indy e Lizzie fugiam pelo terreiro da quinta. Mas Indy sabia que um homem de idade e um historiador sem estar no seu vigor, dificilmente acalmariam aqueles dois gorilas. Ouviu, à distância, o estrépito da carruagem subindo a estrada.

Indy olhou rapidamente de relance e percebeu o que se passava. Beau, o homem da barba preta, vinha na carruagem, segurando as rédeas dos cavalos.

— Anda! — gritou Indy para Lizzie.

Correram os dois para dentro de casa.

— Chester! — Indy ouviu uma voz feminina chamar da retaguarda da casa. — O que é aquele barulho todo ali fora?

Indy olhou à sua volta. Havia uma despensa no caminho do corredor para a cozinha.

Indy abriu a porta com um empurrão e meteu Lizzie lá dentro.

Fechou a porta já quando se ouviam passos no corredor. Ficaram os dois na escuridão, ainda ofegantes da corrida. Para onde iriam os passos? Lizzie agarrou-se ao braço de Indy, assustando-o. Ele zangou-se.

— Não faças isso! — sussurrou.

Os passos deixaram de se ouvir. Indy não sabia se aquilo era ou não era um bom sinal.

Talvez tenha sido má ideia terem-se enfiado na despensa. Não tinham para onde ir. Deveria abrir agora a porta? Não, poderiam cair directos nos braços dos homens de quem estavam fugindo.

Vinda de fora, a voz de uma mulher gritando.

— Que é que vocês pensam que estão a fazer?

A seguir ouviu-se o estrondo de uma arma a disparar.

Lizzie deu um pequeno grito na escuridão.

Os seus dedos cravaram-se no braço de Indy.

— Que é que se passa? — murmurou ela.

Indy não sabia. Mas, pelo som depressa percebeu que a carroagem estava agora a afastar-se Indy abriu a porta da despensa. Tirou a mão de Lizzie do seu braço e saiu directo a uma enorme assoalhada cujo chão rangia.

Indy ouviu a seguir um clique metálico. Estacou. à sua frente estava uma mulher idosa com uma espingarda de dois canos.

Aqueles dois canos negros pareciam enormes.

Ficou a olhá-los fixamente, quase hipnotizado. Mal ouviu o que a mulher dizia. Por fim, ela teve de gritar.

— Perguntei o que é que vocês estão a fazer na minha casa, seus desordeiros! — A mulher tinha os nós dos dedos brancos de segurar na espingarda. — Se não responderem em três segundos, ficarão bem piores do que os vossos amigos lá de fora.

CAPÍTULO 5

— Marta! Marta! Que estás a fazer?

O Sr. Gillis chegou à porta com um olhar horrorizado. Indy atirou-se para o chão, com medo de que a mulher disparasse a arma.

Não houve rajada. Indy olhou para cima para ver a mulher que insistia com o Sr. Gillis.

—Oh, Chester! Vi-te deitado ao pé do portão.

Aqueles guerrilheiros estavam em cima de ti...

— Graças a Deus que apareceste com a caçadeira — disse o Sr. Gillis. — Afugentou-os.

Mas já depois de terem levado o vosso amigo, rapaz.

— Levaram?- perguntou Indy, levantando-se.

— Agarraram-no e arrastaram-no até à carruagem — explicou o Sr. Gillis. — Depois foram-se embora pela mesma estrada.

Ele olhou à sua volta.

— Onde se meteu a rapariga que estava contigo?

Lizzie saiu da despensa.

A Sra. Gillis quase que apontou novamente a arma.

— Outra! — exclamou. — Chester, fazes o favor de me dizer o que se passa?

— Estas pessoas vieram cá perguntar-me sobre o paradeiro de uma fugitiva que ajudámos alguns anos atrás. Lembras-te de Harriet Robinson?

A Sra. Gillis sorriu.

— A da frigideira?

Indy não sorriu.

— Temos de seguir aqueles raptores.

— Age com calma se queres apanhar a carruagem — disse o Sr. Gillis.

Indy teve uma ideia diferente.

Pouco depois, ele e Lizzie montaram os dois um cavalo.

Apenas com um cobertor a fazer de sela, Lizzie agarrava-se a Indy por causa dos balanços.

— Temos de salvar o pobre Dr. Walton! — Lizzie batia com os calcanhares nos flancos do cavalo. — Fui eu quem o meteu nisto.

Mesmo transportando dois passageiros, o cavalo fez melhor média de tempo do que a pesada carruagem dos raptores. Quando chegaram ao cimo da colina, avistaram os raptores. Estavam a meio caminho do rio.

—Ali estão eles!-gritou Lizzie.-Vamos apanhá-los. Anda cavalo, anda! — Bateu novamente com os calcanhares no animal, insistindo para que andasse mais depressa.

Mas Indy puxou as rédeas. O animal, confuso, deu guinadas e depois tropeçou para trás. A sela-cobertor estava a escorregar quando Indy gritou:

— Não faças isso, Lizzie! Nós não queremos chegar perto deles.

Lizzie parou de bater, quase caindo do cavalo.

— Não queremos? Não te percebo. Então por que é que estamos a persegui-los?

— Queremos ver para onde levam o Dr.

Walton. Mas não queremos que eles nos vejam.

Indy não pôde ver a expressão de Lizzie, mas pressentiu que ela estava baralhada.

— Olha, Lizzie, há quatro tipos naquela carruagem — explicou. — Nós somos só dois.

— E então o que vamos fazer?

— Quando soubermos onde está o Dr.

Walton, esperamos pela noite. Depois, vamos libertá-lo.

— Faz sentido- disse, finalmente, Lizzie.

Acariciou o cavalo. — Está bem, rapaz, não os percas de vista.

Cavalgaram o resto do dia, através de Potomac para Virgínia. Mas os raptores não se dirigiram para Washington. Ainda estavam no campo quando pararam.

Lizzie e Indy quase que passavam por eles. Só a luz dos candeeiros a petróleo que vinha de um velho estábulo, os fez

deter.

— Gostaria de saber se este estábulo terá sido destruído durante a guerra — disse Indy. Guiou o cavalo por entre as árvores.

Lizzie examinou o estábulo através dos ramos de um candeeiro.

— Como é que vamos entrar ali sem sermos vistos?

— Isso é só metade do problema — disse-lhe Indy. - Também temos de sair de lá.

Lizzie olhou para ele na crescente penumbra.

— Espero que tenhas um plano.

— Realmente tenho. — Indy sorriu satisfeito, enquanto abria o rolo da corda que levava ao ombro. Usando a navalha, cortou vários bocados e atou-os uns aos outros. — Parece que os cavalos estão naquele campo atrás do estábulo. — Ouviam os animais à distância.

Indy deu a Lizzie duas rédeas improvisadas.

— Tens de pôr estas cordas nos cavalos.

Depois trá-los para aqui, por entre as árvores.

Com este, teremos cavalos para fugirmos os três.

—Achas que o Dr. Walton consegue montar? — perguntou Lizzie. é engraçado o que se faz quando um bando de escroques nos persegue — disse-lhe Indy. — Preocupa-te contigo e faz a tua parte.

Lizzie levantou as cordas.

— Que é que tu vais fazer?

Indy encolheu os ombros.

— Irei ao estábulo tirar de lá o Dr. Walton.

Avançaram os dois de rastos pela erva alta.

As ervas faziam cócegas no nariz de Indy.

Esta não é altura para espirrar, disse para consigo. Chegaram, por fim, à clareira, perto do estábulo.

— Aqui é onde nos separamos — disse Indy. — Tu desvias os cavalos. Eu vou ver como entro no estábulo.

Rastejou até ao estábulo. Algumas pranchas de madeira tinham apodrecido, e todas elas estavam empenadas. Havia enormes fendas entre elas. Indy tinha várias vigias à escolha.

Examinando o interior do estábulo, Indy não queria acreditar na sua sorte. Havia um velho estábulo, agora convertido à pressa numa prisão. Zachary Walton estava sentado sobre um fardo de feno, com as mãos no rosto. Atrás dele, na parte principal do celeiro, os bandidos colocaram um caixote velho. Em cima, puseram uma lamparina. Os calmeirões puseram-se todos à volta do caixote a jogar poker. Indy podia ver três deles, olhando para as cartas.

Veio-lhe à cabeça um plano. Primeiro, tinha de os distrair. Depois, entraria e libertaria o Dr. Walton, e bloquearia a fuga dos bandidos.

Tudo o que precisava era de uma pedra decente ..

Depois de esgaravatar no terreiro sujo,

Indy conseguiu um par de pedras de bom tamanho.

Arrastou-se até à porta do celeiro.

Uma das portas pendia pelas dobradiças.

Isto deixava-o ter uma ampla visão. Entrou.

Indy só olhava para a lamparina. Se conseguisse alcançá-la o celeiro ficaria completamente às escuras. Os guardas não saberiam o que tinha sido. Indy girou o braço e tentou o seu melhor lançamento.

— Se fosse a ti não faria isso, rapaz.

A voz vinha detrás dele. Indy voltou-se pronto para lutar. Em vez disso, deixou cair as pedras.

O homem que o tinha interceptado era o velho inimigo barbudo, Beau. E havia mais alguém com ele. Uma das mãos agarrava firmemente o braço de Lizzie Ravenall. Com a outra tapava-lhe a boca.

— Sim, nada de pedras — disse Beau. — Agora entra.

Pouco depois, Indy estava de pulsos amarrados a uma tábua do estábulo.

— Oh Indy! Por que vieste atrás de mim? — gritou o Dr. Walton, quando o trouxeram para se sentar num fardo de feno, ao lado de Lizzie.

— Que sorte eu ter saído para dar uma volta disse Beau. — Agora, Miss Lizzie, vamos ao negócio. O meu patrão quer um livro que tu tens.

— Você quer dizer, Gideon Clegg — disse Lizzie, furiosa. — Bem, eu não o tenho. Deixei-o em lugar seguro. Ele não lhe deitará as mãos. — Lizzie não tencionava dizer-lhe que tinha deixado o diário com o Prof. Jones.

— Que é que vamos fazer agora, Beau? — perguntou um dos homens.

— Fazemos com que Miss Lizzie queira entregar-nos esse livro.

O bandido moveu-se constrangido.

— Eu nunca bati numa mulher.

— Penso que não precisamos de fazer isso disse Beau. — Temos dois amigos de Miss Lizzie. Imagina que fazemos das suas vidas um inferno? Então, ela acabará por dizer onde está esse livro. Quem será o primeiro?

Por um momento examinou o Dr. Walton e depois abanou a cabeça.

— Muito velho para ficar de pé até à exaustão. Comecemos pelo fedelho ianque. Veremos o que será capaz de aguentar. Aliás, penso que Miss Lizzie tem um fraquinho por ele.

— Por que é que pensa isso? — Lizzie interrompeu-se, horrorizada. O assistente ruivo de Beau chegava da carruagem onde tinha ido buscar um chicote. — Não quer dizer que ...

— Sim, certamente, miss — disse Beau, enquanto pegava no chicote. — Já viste o que é que um chicote em couro com dez pés de comprimento pode fazer, rapaz?

Com um simples gesto desenrolou o chicote.

A ponta bateu, com um estalido ensurdecedor, na travessa, a pouca distância dos pulsos de Indy. A madeira lascou-se.

Beau fez novamente estalar o chicote para tirar o chapéu de Indy. Depois continuou a bater com ele sempre à volta da cara de Indy. A ponta quase que tocou em Indy por várias vezes.

Ele sentia uma aragem, cada vez que o chicote estalava.

— Páre com isso! Páre com isso! — gritou Lizzie.

— Bom, eu gostaria. Mas ainda não me disseste o que eu

quero saber — respondeu Beau.

O chicote estalou próximo do queixo de Indy. Passou-o novamente pela orelha de Indy.

— Todo este trabalho faz cansar o braço de um homem. Mais tarde ou mais cedo, vou acabar por fazer um disparate.

CAPÍTULO 6

O disparate não foi propriamente o que Beau tinha em mente. Enquanto ele tentava assustar Lizzie, Indy manteve-se ocupado.

Começou por roçar as cordas contra a parte da madeira que Beau tinha lascado. Uma a uma, sentiu as fibras da corda partirem-se.

Indy encolheu-se quando o chicote serpenteou à frente da sua cara, mas esforçou-se por manter os olhos abertos.

— Está bem, eu falo — gritou Lizzie, enquanto Beau serpenteou o chicote de novo.

— Eu digo-lhe onde está o raio do livro!

Beau fez recuar o chicote, lentamente. A extremidade parecia flutuar em frente da cara de Indy.

Esta era a primeira oportunidade de Indy.

Puxou o braço com força da corda que o apertava. A corda partiu-se. Ficou com a mão livre.

Indy olhou fixamente para a ponta do chicote em couro preto. Parecia mover-se em câmara lenta. Agarrou a ponta do chicote e segurou-a. Com um safanão, o punho do chicote saltou de imediato das mãos de Beau.

Passou-se para Indy, que conseguiu agarrá-lo com uma mão.

Antes que alguém a pudesse impedir, Lizzie foi para junto de Indy. Arrancou a corda que prendia o outro pulso de Indy.

Beau encaminhou-se para Lizzie. O chicote serpenteou mesmo à frente do seu nariz.

—Não me -Não se mexa-avisou Indy. — Não mexa um músculo. Tenho mau feitio. Nunca se sabe quando ataco. Os três homens à volta do caixote levantaram-se.

Indy estalou o chicote de novo para Beau.

— Diga-lhes para se sentarem e que fiquem quietos se

gostam da sua cara como está — resmungou Indy.

Beau lambeu os lábios nervosamente e disse aos homens que se mantivessem nos lugares.

— Não te entusiasmes. — O fortalhudo olhou ansioso de relance para o longo chicote preto.

Indy moveu-se de repente, e Beau recuou.

Mas o chicote não estalou. Indy apenas apanhou o chapéu.

— Vocês não pensem em sair daqui. Há quatro de nós entre vocês e a porta — disse o bandido.

— Quê? E se eu fizer isto? — O chicote atacou de novo e apanhou a base da lamparina.

Esta tombou, deixando subitamente o estábulo às escuras.

— Que é que... — gritou um bandido.

— Ei!

— Para onde é que eles foram?

Indy e Lizzie correram para aporta, levando consigo o Dr. Walton.

O ruivo andava às cegas e tropeçou no caixote. O petróleo da lamparina espalhou-se no feno que estava no chão. Uma brasa incandescente no pavio da lamparina deve ter provocado as chamas que se desencadearam subitamente no velho celeiro.

Um homem rolou no chão dando gritos selvagens e tentando apagar o fogo das calças.

Outro tentava abafar as chamas com uma velha manta de cavalo.

— Esquece isso! — gritou Beau. — Eles vão escapar-se.

Indy irrompeu pelas portas do celeiro. Mas não fugiu para o mato. Levou os dois amigos para ali perto.

— Não consigo. — O Dr. Walton arquejava quando Indy saltou a cerca.

Conforme ele esperava, Lizzie conseguiu atrelar os cavalos antes de ter sido apanhada por Beau. Indy conseguia agora arrastar os cavalos assustados até à cerca.

Lizzie tinha aberto o portão. Zachary Walton subiu com

dificuldade para um dos cavalos.

Lizzie subiu para outro, enquanto Indy ficava com aquele que ele e Lizzie tinham montado. Foram por uma estrada pouco visível, à luz do luar. Atrás deles ficaram os bandidos de Gideon Clegg, confusos.

— Provavelmente, vai arder até cair-disse Lizzie, olhando de revés. As chamas consumiam todo o edifício.

— Que importa? — Indy seguia a galope.

Atrás dele, Beau e a sua gente gritavam ameaças inúteis.

— Vamos parar um momento — disse o Dr. Walton com voz ofegante. — Devemos planear o nosso próximo passo.

Mesmo numa fuga selvagem o Dr. Walton conseguia parecer um professor preparando a próxima lição. Pararam os cavalos.

—Talvez devêssemos apanhar o comboio até Christiana de Washington. É onde o Sr.

Gillis pensa que está Harriet.

— Talvez ela ainda lá esteja — disse Lizzie, esperançada. — A Pensilvânia era um Estado livre.

— Sim, mas estava muito próximo do território de escravos — salientou o Dr. Walton.

— Muitos fugitivos tinham medo dos captores de escravos. Normalmente iam mais para norte. Christiana era demasiado quente para ex-escravos, e Washington será muito quente para nós. E se os homens de Clegg vêm à nossa procura? Penso que deveríamos fazer as malas e irmos para Union Station. Indy gostou do plano.

— Iremos de comboio-disse ele-, pelo menos até Filadélfia.

Apanharam o primeiro comboio para Washington.

Era um comboio local que se movia lentamente de Maryland a Delaware.

Lizzie olhava para a paisagem que passava lentamente pela janela.

— A esta velocidade nunca mais chegaremos a Christiana — queixou-se. — Devíamos ter esperado pelo expresso.

O Dr. Walton estava de pé, acariciando o bigode e andando de um lado para o outro no compartimento.

— Não queria estar na estação se Beau e a sua gente aparecerem -disse Walton com um arrepio.

— Acalme-se, doutor — disse Indy com um sorriso largo e forçado. — Nós perdemo-los.

Aposto que saímos da cidade antes deles lá terem chegado. Lembrem-se que eles têm de andar a pé pelo caminho todo.

— A não ser que tenham apanhado uma boleia — murmurou Walton com desalento.

Continuava a andar de um lado para o outro.

Quando chegaram a uma pequena estação ele foi até à porta.

— Desculpem — disse. — Acho que vou até à plataforma apanhar um pouco de ar.

— Ele parece bastante nervoso — disse Lizzie.

— Foi perseguido, capturado e liberto à força. E já é um pouco velho para esta correria.

Enquanto esperavam na estação, passou um comboio expresso.

— Se tivesse dinheiro viajava sempre de comboio expresso — disse Lizzie, observando as carruagens a passarem zunindo.

Ficaram em silêncio durante um tempo.

Lizzie olhava cá para fora e Indy olhava para ela. Quando as coisas tinham começado a complicar-se ele esquecera-se de como ela era bonita. Mas agora ...

"Ela é mesmo uma rapariga e pêras", pensou. "Ainda mal temos uma pista sobre Harriet e o tesouro. Mas ela não desiste.

Podíamos continuar juntos."

Mas não continuariam. Se ele se saísse bem, Lizzie seria uma jovem herdeira rica. E ele seria apenas um miúdo: o filho de um professor.

Se eles não conseguissem. . Indy sentiu-se desconfortável. Parecia desleal desejar que Lizzie não

encontrasse a sua fortuna.

—Indy?

Ele pestanejou e voltou-se para Lizzie.

— Estavas com uma expressão engraçada.

No que é que pensavas?

— Pensar? — perguntou Indy. — Oh, estava só a conjecturar. Se encontrares esse tesouro, o que é que farás com ele?

Lizzie suspirou.

— Quando era pequena, sonhava ficar rica de repente. Recuperaria Ravenall Hall, compraria lindos vestidos para a mamã, e daria esplêndidas festas. Os Clegg ficariam tão embaraçados que se iriam embora.

— E agora?

— A mamã morreu, e parece-me que Gideon Clegg será o dono de tudo para sempre.

— Lizzie encolheu os ombros. — Não há nada que me prenda na Carolina. Se tivesse dinheiro, ia-me embora. Ia para um sítio estudar.

Talvez numa universidade. Como a de Georgetown.

Ela olhou de lado para Indy.

— Seria agradável ir para um lugar onde tenho um amigo.

"Um amigo!", pensou Indy. "Ela pensa que sou um amigo." A ideia de estar na mesma cidade com Lizzie, aqueceu-lhe o coração.

Até se lembrar do pai. O pai provavelmente iria para outro lado, para outra universidade.

Indy pôs-se a pensar se o Prof.

Jones se convenceria a deixá-lo sozinho.

Indy estava entretido com pensamentos sobre Lizzie e Georgetown até o Dr. Walton voltar. Um pouco depois, o comboio recomeçou a marcha.

Partiu com estrépito e fazendo mais três paragens no espaço de uma hora. Tinham acabado de passar por Wilmington quando o estômago de Indy começou a fazer barulho.

Precisavam de comer qualquer coisa ligeira.

— Vou procurar a carruagem-restaurante disse ele, levantando-se. — Alguém quer vir?

O Dr. Walton abanou a cabeça num gesto negativo. Estava ocupado a tomar notas para a sua biblioteca. E Lizzie, sentada à janela, tinha adormecido.

Indy assobiando, dirigiu-se para as carruagens traseiras. Depois de tudo o que tinham passado, era um alívio ver-se sozinho. Encontrou a carruagem-restaurante, com as toalhas brancas e as pratas cintilantes. O criado conduziu-o à carruagem quase vazia.

Passara por uma mesa onde estava um homem sozinho. Tinha acabado de beber café e limpava a boca com um guardanapo branco.

O guardanapo caiu ao chão mesmo quando Indy ia a passar.

Indy e o homem ficaram ambos gelados de surpresa. O criado tapava a visão de Indy.

E, até ao último momento, aquele guardanapo tinha ocultado a cara de Beau.

CAPÍTULO 7

Indy tocou no ombro do criado.

— Afinal não me vou sentar — disse ele.

Mais atrás, Beau atirou algumas notas para cima da mesa e levantou-se.

"E agora?", pensou Indy. Beau tinha interceptado o seu refúgio. E de qualquer maneira ele não queria levar o bandido para perto de Lizzie e do Dr. Walton.

Indy continuou a andar pela carruagem-restaurante, dirigindo-se para as traseiras do comboio. Pensou rapidamente:

"Quantas carruagens haveria mais?" Não era preciso olhar para trás para ver se estava a ser seguido. Pelo vidro da porta da carruagem avistou Beau.

Acelerando o passo, Indy passou para a outra carruagem. Beau continuava a persegui-lo.

Indy fazia por se manter à frente. Mas o que poderia ele fazer? Passou para uma carruagem normal de passageiros. Dezenas de pessoas estavam ali, sentadas em bancos forrados a couro. Deveria parar ali? Chamar o chefe do comboio?

Voltou-se no meio da coxia, para enfrentar Beau. Então viu que o homem de barba preta tinha a mão no bolso do casaco.

Beau tinha uma arma! Se Indy tentasse qualquer coisa haveria tiroteio. Escapuliu-se subitamente e correu pela coxia. Como poderia expor ao tiroteio uma carruagem cheia de gente?

Depois ocorreu-lhe ainda um pensamento mais terrível. O que iria fazer quando saísse das carruagens? Ficaria a sós com ele, apenas ele, Beau e a arma. Indy passou repentinamente a correr, olhando freneticamente para a carruagem. Nenhum lugar onde se esconder. Duas carruagens depois, não havia mais por onde correr. Indy esbarrou contra

a parede de um vagão de carga. Não havia porta de ligação "E agora", pensou Indy. O fim da linha.

Depois reparou numa escada de ferro. Podia subir até ao tejadilho da carruagem Indy saltou para a escada e escalou-a. Do cimo do vagão de carga saltou para o tejadilho da carruagem de onde saíra. Se não fizesse barulho, teria a oportunidade de surpreender Beau.

Por baixo, ouviu a porta da carruagem abrir-se. Silêncio, por um momento. Depois ouviu-se um risinho baixo e diabólico. " Beau deve julgar que me apanhou", pensou Indy.

Ficou preparado, à espera. Viu logo as costas de Beau quando este subia desajeitadamente a escada. Já não tinha a mão direita no bolso. Segurava um revólver de madrepérola.

Beau tinha a arma apontada para o tejadilho do vagão enquanto subia lentamente a escada. Não estava à espera que Indy o atacasse pelas costas.

Os pés de Indy assentaram perfeitamente em cheio na mão de Beau que segurava a arma.

O revólver voou e caiu no cascalho da linha férrea.

Beau quase ia caindo também. Agarrou-se desesperadamente à escada de ferro, enquanto Indy se dirigia para o tejadilho da carruagem de passageiros.

Indy correu a toda a velocidade pelo tejadilho da carruagem. O comboio atingia agora uma velocidade rápida. O vento puxava-lhe a roupa, mantendo-o curvado.

Que haveria de fazer agora? Tinha-se livrado da arma de Beau, mas isso era só metade do problema. Estava ainda a sós com ele em cima do comboio. Se o fortalhudo o alcançasse...

Indy ouviu uma pancada vinda de trás.

Voltou-se. Beau tinha chegado ao tejadilho.

— Rapaz-gritou o bandido-, tu és uma peste. Vou dar cabo de ti.

Beau cambaleava atrás de Indy, que tinha agora chegado ao fim da carruagem. Não esperou pelo homem enfurecido. Tomou balanço e saltou para o tejadilho da carruagem seguinte.

Indy saltava de carruagem em carruagem.

Já era difícil estar de pé com os balanços do comboio. Depois, o comboio abrandou, fazendo uma curva à volta de uma colina.

Quando Indy viu o que estava à frente, teve uma ideia.

— Ei, Beau! Nunca me apanharás! — gritou para o bandido. Começou a correr com toda a força. Tinha de manter sobre ele a atenção de Beau, para que este não se apercebesse do que ia acontecer.

Indy acelerou a corrida por cima de uma carruagem de passageiros. Julgando pelo cheiro, vindo do ar, a carruagem seguinte era a carruagem-restaurante. Saltou para o tejadilho dessa carruagem. Atrás dele, ouvia Beau a avançar pesadamente.

— Vou apanhar-te, meu...

A voz de Beau interrompeu-se, e Indy sabia porquê. Finalmente, viu o que Indy já tinha visto. Havia por cima da linha férrea uma ponte que se aproximava. A ponte era demasiado baixa para poderem ficar de pé. Beau baixou-se em cima do tejadilho da carruagem.

Mas Indy tinha chegado ao fim da carruagem-restaurante.

Ficou pendurado, para poder saltar para a plataforma existente entre as carruagens. Quando corria sentiu o comboio parar. Não era surpresa para ele.

Onde havia pontes, normalmente havia estações.

Por fim, Indy estava de volta onde começara.

Irrompeu pelo compartimento e encontrou quase tudo na mesma. Zachary Walton ainda tomava notas. Lizzie continuava a dormir.

Indy tirou as malas da bagageira.

— Temos de sair aqui! — disse ele, abanando Lizzie.

— Quê. Porquê? — perguntou Lizzie.

— Beau está no comboio e encontra-se muito perto daqui. Temos de o perder de vista.

— Como é que tencionas fazer? — perguntou o Dr. Walton.

— Esperamos até ao último momento. Depois, quando o

comboio começar a andar saltamos.

Walton olhou duvidoso. Mas Indy conduziu o historiador e a rapariga como um cão de guarda conduz um rebanho. O comboio parou, e ouviu-se o chefe a gritar:

— Embarcar!

— Agora!

Correram para o fim da carruagem. O Dr.

Walton saltou logo que o comboio se pôs em movimento. Cambaleou na plataforma, mas aguentou-se em pé. Lizzie fez uma aterragem graciosa. Indy atirou as malas para fora e depois saltou. O comboio estava já em andamento.

Caiu mal, batendo com os joelhos, o cotovelo e o ombro no chão.

Lizzie correu para ele:

— Estás bem? — perguntou. Pôs um braço à volta de Indy enquanto ele se levantava trémulo.

— Beau ou mais alguém saltou?

Lizzie deitou um olhar pela gare da estação.

— Não.

— Então estou bem. Melhor que bem.

Apenas algumas contusões.

— Mas o que fazemos agora? — Walton queria saber.

— Vamos ver se conseguimos alugar uma charrete — disse Lizzie. — Ainda temos de ir para Christiana.

—Vocêsjovens, tomem conta do assunto. — Walton dirigiu-se para o edifício da estação. — Só quero sentar-me. — Indy reparou que o doutor se moveu com um pouco de dificuldade.

Talvez não tenha caído tão bem como pareceu.

O estábulo de aluguer da cidade tinha uma charrete para alugar. Indy e Lizzie foram chamar o Dr. Walton, e depois dirigiram-se para oeste e norte da Pensilvânia. Indy manteve-se todo o tempo atento à retaguarda.

Chegaram finalmente a Christiana. Havia uma espécie de feira e as ruas dessa pequena cidade estavam apinhadas. As pessoas moviam-se lentamente em círculos, olhando para as barracas alegremente decoradas.

Havia jogos de destreza e sorte. Em situação normal, Indy teria parado numa barraca para jogar. Mas eles tinham um jogo maior para ganhar, uma verdadeira caça ao tesouro.

Tiveram os problemas do costume para obterem respostas. Algumas pessoas já tinham morrido, outras tinham-se ido embora.

E outras ainda estavam óptimas, mas vagueavam pela feira.

Numa tenda encontraram um avozinho negro que se lembrava da rapariga da frigideira.

Deu-lhes o nome da próxima paragem na rota de Harriet. Quando subiram para a charrete, Indy teve um sobressalto. Olhando para a multidão viu, de relance, um homem com barba preta.

Lizzie reparou na expressão da cara dele.

— Indy? Que é?

— Penso que acabei de ver Beau.

Lizzie deu uma palmada no ombro de Indy.

— Oh, vá lá. Ele perdeu-nos naquela estação.

Como seria capaz de nos encontrar agora?

O Dr. Walton acariciou com cuidado uma das pontas do seu bigode.

— Muitos agricultores, nestas redondezas, ainda usam barbas, filho. As suíças gostam de feno, dizemos nós, citadinos. Uma barba preta não faz o patife.

Tiveram muita sorte na Pensilvânia e no Estado de Nova Iorque. Inúmeros veteranos ainda vivem lá e muitas histórias se contam sobre uma rapariga com uma frigideira. As pessoas lembravam-se realmente de Harriet; talvez esta corrida desse resultado, apesar de tudo!

Apenas duas coisas desanimavam Indy: primeiro, estava preocupado com o Dr. Walton.

O velho homem parecia sempre cansado.

Caminhava devagar, e cada vez com mais frequência dava à "gente nova", uma morada para visitar, enquanto ele se sentava por um momento. A segunda coisa preocupava Indy ainda mais. Várias vezes ao longo do percurso pensou que

estavam a ser seguidos. Não o disse; fazer com que Lizzie se tivesse rido uma vez já fora suficientemente mau.

Depois de andarem duas semanas à procura, a pista levou-os finalmente a Massachusets e à cidade de Boston.

Lizzie tremia com a brisa forte da Nova Inglaterra.

— Espero que estejamos a chegar. — Aconchegou a roupa para aquecer. — Este tempo ianque faz-me saudades de casa.

Quando iam por uma rua cor de tijolo, o Dr.

Walton verificou o papel que levava na mão.

— Devemos estar perto.

Indy apontou para um campanário no quarteirão a seguir. -Aquela deve ser a igreja de Arbor Street.

Agora vamos ver se conseguimos encontrar aquele padre antiesclavagista de que nos falou.

A casa do pastor ficava ao virar da esquina.

Era acolhedora, com dois pisos. Lizzie subiu as escadas até à campainha, ansiosa.

Apareceu à porta uma mulher atarracada, de tez pálida e cabelo grisalho. Trazia um espanador na mão e lançou-lhe um olhar pouco simpático.

— Gostaríamos de falar com o Rev.o Porter, por favor — disse Lizzie.

A mulher respondeu:

— O Rev.o Porter morreu há muito tempo!

Deve ter sido por volta de 1867.

Lizzie ficou a olhar chocada. Mas não ia desistir. Não depois de ter passado semanas a andar centenas de quilómetros naquela corrida.

— Há mais alguém do tempo anterior à guerra, com quem possamos falar? Estamos a tentar encontrar uma fugitiva desse tempo.

Não conseguiu ir mais além. A mulher começou a fechar a porta.

— Lamento, miss, mas isso foi há mais de cinquenta anos. Lizzie voltou-se desesperada para o Dr.

Walton. Ele abanou a cabeça tristemente.

— Boston é uma grande cidade. Estava cheia de activistas antiesclavagistas e o Rev. o Porter conhecia-os todos. Ele pode ter mandado Harriet para um deles. Receio que a corrente acabe aqui, Lizzie. Não encontraremos Harriet. Havia cinco saídas de Boston, em todas as direcções.

Com a mão na cabeça, Lizzie suspirou.

— Nós sabíamos que isto podia acontecer.

Mas chegar até aqui...

Dirigiram-se para o hotel onde estavam hospedados. Walton disse:

— Uma vez que estamos em Boston, gostaria de marcar um encontro para amanhã com Garrick Lloyd. Ele foi um líder muito importante no movimento antiesclavagista.

Quando tiver a minha biblioteca incluirei nela uma entrevista com ele.

Indy sorriu pela confidência do historiador.

Tinha falhado um projecto, mas já passara directamente para o seguinte. E como ele estava certo de que aquela biblioteca seria construída!

— Penso que uma entrevista iria certamente ser um bom complemento — disse Lizzie. — E como está aqui em Boston, deveria tentar. Apesar de não ter encontrado o tesouro,

Lizzie tentou ser agradável. Quase que comoveu Indy.

— Precisa de alguém para tomar notas? perguntou Lizzie com um sorriso largo e forçado. — Afinal, tenho o curso de secretária.

Posso bem adquirir alguma prática antes de voltar para casa e começar a trabalhar.

Por fim, foram todos visitar Garrick Lloyd.

A sala pequena do velho homem estava atravancada de mobília. Lloyd sentou-se numa cadeira estofada, com uma manta à sua volta. Tinha a pele tão fina e frágil como um pergaminho. Estava esticada cobrindo uma cabeça calva com pequenas farripas de cabelo branco sobre as orelhas. Mas os olhos profundos do homem brilhavam ainda de inteligência e interesse.

— O senhor editou A Voz da Liberdade, de 1840, a meio

da crise, e da guerra — começou por dizer o Dr. Walton. — Qual é a sua maior lembrança desses dias?

Nas duas horas seguintes, Indy ouviu fascinado como Garrick Lloyd se lembrava de batalhas, lutas e decisões de há cinquenta anos atrás. Passada a primeira hora, apareceu uma enfermeira, mas Lloyd mandou-a embora.

Por fim, o velho homem inclinou-se para trás da sua cadeira!

— Então, doutor, o que o traz por cá?

A expressão de Garrick Lloyd iluminou-se, enquanto ouvia a história do tesouro de Ravenall e da mulher por quem eles procuravam.

— Harriet Robinson? Ezekeil Porter apresentou-ma em 1858. Conheci, de facto, a mulher, e ainda a conheço!

CAPÍTULO 8

— Conhece Harriet Robinson? — Lizzie repetiu as palavras de Garrick Lloyd, olhando espantada.

O velho homem abanou vigorosamente a cabeça.

— Minha querida, Harriet é das mulheres mais corajosas que jamais encontrei. Como lutadora pela liberdade, ela é uma lenda.

— Por que é que eu nunca ouvi falar dessa lenda? — quis saber o Dr. Walton.

— Mas ouviu — disse Lloyd. — Harriet foi para Boston em fins de 1858. Não ficou por lá muito tempo. Em vez disso, arriscou a sua liberdade ao voltar para o Sul e conduzir outros escravos através da Ferrovia Subterrânea.

— Ela era um chefe? — perguntou o Dr. Walton.

— Uma das melhores — respondeu-lhe Lloyd. — Até casou com um homem que ajudou a fugir, e ficou com o seu nome: Stoneman.

Walton ficou boquiaberto.

— Harriet Stoneman? Ela foi umas das melhores chefes do Tennessee e de Kentucky.

Nos meses de tensão antes da guerra, passou clandestinamente dúzias de fugitivos.

Lloyd aprovou, inclinando a cabeça.

— E durante a guerra passou informações.

Foi escuteira e uma espia importante.

Não se engane. Ela foi, ou melhor é, uma verdadeira heroína.

— E ainda é viva? — perguntou Walton maravilhado.

Garrick Lloyd deu uma gargalhada.

— Comparada comigo, ela é simplesmente uma criança: só tem 70 e tal anos.

Escrevemo-nos muitas vezes. Harriet teve um verdadeiro mestre. — Voltou-se para Lizzie: — O seu avô, creio eu. Ele

ensinou-a a ler.

— Foi o avô — confirmou Lizzie, orgulhosa.

— Eu sei que tenho algures o endereço de Harriet. — Lloyd chegou-se a uma mesa pequena próxima da cadeira onde estava sentado e tirou uma sineta. Apareceu a enfermeira a quem pediu para ir ao escritório procurar na secretária dele. — Harriet decidiu-se fixar-se no Norte depois da guerra.

Vive agora em Nova Iorque. — A enfermeira voltou com um pedaço de papel. Lloyd leu-o e passou-o a Zachary Walton. — Aqui está onde podem encontrar Harriet Stoneman.

O historiador queria começar por Nova Iorque no dia seguinte, mas Lizzie não podia esperar.

Insistiu que partissem imediatamente.

Durante toda a viagem de comboio para Nova Iorque esteve impaciente. Chegaram finalmente à estação da Pensilvânia. O Dr.

Walton encontrou um bom banco e mandou os jovens procurar um táxi.

Lizzie estava com os olhos esbugalhados ao ver o intenso movimento da cidade. Nem Boston nem Washington eram tão agitadas.

Mas deu a mão a Indy e mergulhou na multidão. Depressa se reuniram ao Dr. Walton e meteram a bagagem num táxi puxado por um cavalo. Dirigiram-se para a baixa da cidade, para o endereço dado por Garrick Lloyd.

— É uma zona chamada Greenwich Village, se a memória que ainda tenho de Nova Iorque não me falhar — disse Walton.Bleecker Street. Está certo. Havia nessa zona um bairro negro bastante grande. Hoje em dia, penso que também se mudaram para lá imigrantes. Italianos, principalmente.

Bleecker Street ficava na esquina de um bairro cheio de prédios encardidos. Quando pararam defronte da casa de Stoneman, o cocheiro deitou um olhar curioso.

— Não creio que eles vejam muitas vezes táxis por estes lados — disse Walton enquanto pagava. Harriet Stoneman vivia no quinto andar de um edifício velho. No último lance

de escadas,

Lizzie disse:

— Deve ser penoso para uma mulher de idade, subir e descer estas escadas todas.

O Dr. Walton nem sequer respondeu. Estava muito ocupado a tentar manter o fôlego enquanto subia. Até o seu bigode parecia definhar.

Indy ficou a pensar se deveria sugerir ao doutor que descansasse. Aquela aventura não lhe ia fazer muito bem. Walton continuou implacável a subir as escadas. Queria conhecer a lenda.

Chegaram ao corredor sombrio. Olhando para as paredes desbotadas e sujas, Indy disse:

— Este lugar parece que nunca mais viu uma camada de tinta desde a Guerra Civil.

Lizzie foi até ao fim do corredor. Bateu à porta de madeira pouco resistente. Segundos depois, apareceu uma mulher negra, com um vestido liso de algodão.. Tinha o cabelo todo branco, a face enrugada e as costas curvadas. Porém, ainda se mexia com vivacidade.

Olhou para cada um deles.

— Bom — disse ela numa voz forte de surpresa.

— Vocês são da assistência social?

Ou da comissão de moradores para ver aquela goteira no telhado?

Dr. Walton passou a mão pelo bigode, um pouco confuso Lizzie avançou:

— Sra. Stoneman? — perguntou.

— Quem haveria de ser? — replicou Harriet Stoneman. — Não encontra ainda, muitas como eu nesta zona.

— O meu nome é Elizabeth Ravenall — começou Lizzie, com a voz trémula. Estava finalmente a falar com Harriet, uma mulher que conhecera o seu avô. E esta mulher podia ser a chave da fortuna.

Harriet Stoneman olhou a rapariga com mais atenção.

— Ravenall — disse ela, tomando a mão de Lizzie e levando-a para dentro de casa.

— E essa fala arrastada só pode ser da Carolina.

É uma das Ravenall, de Ravenall Hall?

— Agora penso que é Clegg Hall — disse Lizzie. — Mas no tempo do avô, Ashley Ravenall.

— Ashley — interrompeu Harriet. — Era como nós o tratávamos sempre. — Ela sorriu. — O seu avô era um bom homem, era muito inteligente. Eu gostava dele. Ele tentou a verdade. Sabe, ele prometeu-me sempre que me libertaria. Quando morreu, e isso não tinha acontecido, bom, resolvi fugir. E esse foi, realmente, o começo da minha vida.

Olhava para Lizzie com curiosidade!

— Então, não querem salvar a minha alma nem reparar a goteira? Espero que tenham alguma coisa em mente.

— Encontrei o diário do meu avô o mês passado. A última coisa que ele escreveu foi acerca de um tesouro e de como os filhos deveriam perguntar-lhe a si sobre o mesmo.

Indy inclinou-se para a frente, curioso. Era agora. Harriet ia contar-lhes o segredo.

Mas a mulher negra olhou surpreendida para Lizzie.

— Que é que deverei eu saber sobre..:

Oh... — Abriu muito os olhos e ficou embaraçada.

— Tesouro.

— Pode dizer-me alguma coisa — perguntou Lizzie ansiosa.

— Não vejo como se associa — disse Harriet. — Eu tinha apenas 15 anos, e era assistente na cozinha.

Toda a expressão dela se modificou ao pensar nesses dias.

— Sinto-me um pouco pateta ao contar-vos isto. M.e Ashley conversava comigo muitas vezes. Depois da mulher ter morrido, ele costumava dizer que quando morresse eu teria a coisa que eu mais apreciava.

Olhou para Lizzie, abanando a cabeça.

— Bem, eu era um pouco mais do que uma rapariga nesse tempo. Não compreendi certamente o que ele quis dizer. Havia aquela enorme frigideira de ferro na cozinha. Eu achava que era a melhor coisa da fazenda. E chamei-lhe "tesouro".

— Uma frigideira chamada tesouro? — perguntou o Dr. Walton. — Lizzie, podíamos ter percebido mal o que o teu avô dizia?

Harriet Stoneman ainda recordava o passado.

— Depois, Killer Clegg tomou o cargo. Ele era tão mau quanto o seu avô era de bom Lizzie. Por isso fugi, levando o "tesouro" comigo. Afinal, M.e Ashley disse que eu poderia levá-lo comigo, depois de ele morrer.

Um sorriso suavizou-lhe o rosto, enquanto se lembrava.

— Sabia tão pouco nesses dias. Mas, finalmente, compreendi o que é que M.e Ashley tentava dizer-me. E eu obtive aquilo que mais apreciava, a minha liberdade. Levou tempo, mas consegui.

Mais uma vez, o Dr. Walton cumpria o seu papel de historiador.

— Gostaria de falar-lhe sobre essa luta, Sra. Stoneman.

— Curioso — continuou Harriet Stoneman.

— "Tesouro" foi uma parte importante de tudo. Passei por Tennessee e Kentucky como cozinheira e lavadeira. No velho "tesouro" cozinhei muitas refeições para captores de escravos e soldados rebeldes. Quem iria prestar atenção a uma cozinheira? Eu era quase invisível. Isso ajudou-me a movimentar-me facilmente, para conduzir os fugitivos ou levar mensagens.

Indy abanou a cabeça, absorto nos pensamentos.

— Sra. Stoneman, o que é que aconteceu ao "tesouro"?

— Porquê? Guardei-o. Aquela frigideira é quase indestrutível. Sabe que deteve uma bala de espingarda em Chattanooga?

Zachary Walton garatujava no seu bloco de notas. Mas Indy continuava carrancudo.

— Onde está agora a frigideira?

Harriet Stoneman encolheu os ombros.

— Está pendurada num prego na cozinha, por cima do fogão.

—Acha que podemos vê-la, minha senhora?

Penso que haverá mais sobre o "tesouro" do que aquilo

que nos contou.

CAPÍTULO 9

Harriet Stoneman levou Indy rapidamente à cozinha. Era pequena e apinhada mas limpa.

Por cima do fogão, estava uma colecção de panelas e frigideiras. Indy não precisava que lhe dissessem qual delas era o "tesouro".

A enorme frigideira ocupava um espaço próprio. Estava pendurada num enorme prego cravado na parede, com o fundo velho a preto sobressaindo do branco da parede.

Indy retirou-a, maravilhado com o peso e a grossura. Imaginou como poderia deter um captor de escravos com um balanço destes.

Harriet apontou para dentro da frigideira.

Uma grande mossa tinha danificado a superfície de ferro.

— Foi onde a bala bateu — disse ela.Atirou-me ao chão. Mas tudo o que sofri foi uma contusão. Andava sempre de um lado para o outro, tão depressa quanto as minhas pernas aguentavam.

Indy examinou cuidadosamente a frigideira.

— Ferro sólido — disse ele. — Nada se desprende, por isso não há sítio para se esconder nada. — Depois examinou o interior da frigideira. A seguir virou-a para examinar a parte posterior. Segurando a frigideira à luz da cozinha, Indy olhou com atenção. Vislumbrou um brilho:- Minha senhora, há alguma coisa com que eu possa esfregar isto?

— Não acha que está bem limpa? — perguntou Harriet ofendida.

— Oh, está limpa por dentro. Mas penso que atrás está alguma coisa escondida.

— Bem, vai ter algum trabalho — disse a velha senhora. — Cozinhei para muita gente nessa frigideira. Precisa de tirar uma boa quantidade de gordura para poder chegar ao ferro.

Indy esfregou com força, tentando penetrar em anos e

anos de uso. Justamente quando estava para desistir apanhou o sinal de uma frase.

Persistiu, esfregando a parte detrás da frigideira.

Harriet Stoneman estava a seu lado, olhando para as frases que iam aparecendo lentamente.

— Miss Lizzie! Dr. Walton! Venham cá e vejam isto! Apareceram logo todos para ver o que Indy tinha posto a descoberto.

— Parece um mapa — disse Walton.

— É um plano do chão de Clegg Hall! — exclamou Lizzie.

— Quer dizer, de Ravenall Hall — disse Harriet. -Afinal esta frigideira tem 55 anos.

— Olhou bem para o complicado entalhe.

— Há tanto tempo. Olhe, aqui está a cozinha. E o que é isto?

Apontou o dedo para outra marca gravada no ferro. Lizzie e Indy olhavam de perto.

— É uma cruz? — perguntou Indy.

— A mim parece-me um X. Mas onde está ele? O que é que significa? — perguntou Lizzie.

Harriet olhou fixamente para os finos traços durante muito tempo.

— É na sala de costura da Sra. Ravenall — disse, finalmente. — Então M.e Ashley sabia disso, afinal.

— Sabia o quê? — perguntou Lizzie.

—A Sra. Elizabeth Ravenall tinha um quarto especial construído na parte superior da casa — explicou Harriet. — Era uma sala de costura, mas havia lá um armário que tinha um fundo falso. Lizzie Ravenall parecia confusa.

— Porquê?

— Minha filha, a outra parte era para esconder pessoas — respondeu Harriet.

— Esconder... — a boca de Lizzie abriu-se e voltou a fechar-se. — Ouvi dizer que a avó Elizabeth detestava a escravatura e que falou ao avô em libertarem os escravos.

Mas... estava a dizer-me que ela tinha uma estação para

a Ferrovia Subterrânea?

— Muita gente tinha segredos naquela fazenda disse Harriet. — Clegg tinha os seus negócios fraudulentos. A Sra. Elizabeth escondia fugitivos. E agora parece que o M.e Ashley aprontava qualquer coisa também.

— E usou o esconderijo secreto da esposa disse Indy.

— Não posso crer, a minha avó! — disse Lizzie maravilhada.

— Onde pensa que aprendi o que sei sobre a Ferrovia? — perguntou Harriet.Com a Sra. Elizabeth. Sempre pensei que o M.e Ashley aprovava o que ela fazia, mas era contra a lei. E ele era um homem muito rígido com a lei.

A velha senhora acenou para Lizzie.

— Dir-lhe-ei como encontrar aquele armário e como abrir o painel secreto.

Lizzie inclinou-se enquanto Harriet lhe sussurrava ao ouvido.

O Dr. Walton riu-se.

— Vais guardar o segredo de todos nós, teus velhos companheiros?

Harriet Stoneman sorriu para o velho historiador.

— Contar-vos-ei o segredo com todo o prazer — disse ela —, se tiverem o apelido Ravenall.

Olhou fixamente para Lizzie.

— Agora promete-me, filha. Não digas a ninguém uma palavra do que te contei.

— Prometo — respondeu Lizzie.

Vários dias depois, Lizzie, Indy e o Dr. Walton foram de charrete até à fazenda de Clegg.

Tomaram um comboio para Charleston, e depois alugaram uma charrete, tendo feito devagar o percurso para a terra natal de Lizzie. Tinha sido uma longa e cansativa viagem.

Mas todos estavam demasiado excitados para se importarem. Esta foi a última etapa para o tesouro.

A última corrida a Clegg Hall foi planeada para o cair da noite.

— Poderemos entrar e sair antes de romper o dia-Lizzie assegurou-lhes.-Já ninguém vive na velha casa da fazenda. De facto, está a ficar em ruínas. Gideon Clegg tirou tudo o que era de valor. Está tudo na casa senhorial. É a sua nova mansão, no outro lado da propriedade. Quer pessoas para esquecer a outra casa e os Ravenall que lá viveram.

Olhando de relance para ela, Indy via o porte orgulhoso de Lizzie. Parecia que ia para a guerra. Mas a guerra depressa estaria ultrapassada e eles teriam ganho. E o que é que aconteceria entre ele e Lizzie, depois?

O Dr. Walton tomou as rédeas, escolhendo com cuidado uma estrada pouco iluminada pelo luar. A estrada, aplanada e coberta de cascalho, estava cheia de marcas de rodas de carro. Se andassem mais depressa, teriam boas hipóteses de ficarem sem uma roda da charrete.

Chegaram finalmente ao fim da estrada e deram com uma enorme poça de lama em frente de dois portões de ferro enferrujado.

Estavam fechados e presos com correntes.

Com dificuldade, Indy atravessou a poça levando na mão um pé-de-cabra. A corrente estava tão enferrujada que com um pouco de força se partiria.

As ferragens chiaram em protesto quando Indy empurrou os portões que não abriam há décadas. Mas Lizzie tinha-lhes dito que ninguém morava perto. Portanto, quem iria ouvir?

Deixaram a charrete na parte de dentro dos portões. Lizzie seguiu por um caminho de feno que tinha sido antes um relvado.

— Quando era pequena costumava abrir a cerca e brincar aqui — disse ela. — Conheço um caminho que nos leva à casa.

Chegaram ao pátio da frente. Outrora, pilares brancos e brilhantes seguravam os dois andares até ao telhado. Agora estavam manchados e desbotados. Á luz do luar, parecia que a metade de um pilar tinha sido comida por térmitas.

— Por aqui -disse Lizzie confiante, avançando para o varandim. Pôs os pés numa tábua apodrecida. Se Indy não

estivesse lá para a segurar teria caído. Andando depois, com mais cuidado, seguiram em direcção a uma série de janelas de batente. Alguns dos vidros estavam rachados. Outras não tinham vidros. Lizzie enfiou a mão numa das fendas e fez girar o puxador.

Lá dentro, a escuridão era tão densa que Indy a podia sentir. Acendeu a lanterna que levava na mão. A chama pequena projectava nas paredes sombras estranhas. Era como se os fantasmas da velha fazenda tivessem saído do seu sono, surpreendidos com os intrusos.

Indy, Lizzie e o Dr. Walton quase que caminhavam na ponta dos pés para as traseiras da casa. Por fim, chegaram à sala de costura da Sra. Ravenall.

Ao entrar, Lizzie olhou para o fundo da frigideira que levava consigo. Depois, fixou as paredes em volta. Dali em diante, para poder continuar tinha de contar apenas com as lembranças de Harriet, de há cinquenta e cinco anos atrás.

— Parece que mudaram o papel da parede depois de Harriet cá ter estado — disse ela.

— Esperemos que, pelo menos, os armários não estejam emparedados — resmungou Indy.

— Não podemos continuar? — disse o Dr.

Walton, olhando para o relógio.

Lizzie dirigiu-se para a porta do armário mais próximo da janela. Abriu-a e entrou, carregando em todos os cantos da parede do fundo. Ouviram um clique. Depois, um painel de madeira caiu para fora. Indy apanhou-o e pô-lo cuidadosamente no chão.

Lizzie segurava a lanterna para iluminar o quarto secreto das traseiras.

Estava vazio.

A luz começou a fraquejar quando a mão de Lizzie começou a tremer.

— Não acredito que tivéssemos de passar por tudo isto em vão -disse, já quase a chorar.

— Ainda não acabámos — respondeu Indy, enquanto se ajoelhava no chão daquele esconderijo.

— Que procuras? — perguntou Lizzie.

— O chão aqui é diferente daquele ali.Indy pousou a mão nas tábuas do soalho que tinham apodrecido. Conforme puxava as tábuas com o pé-de-cabra, fazendo-as em pedaços, saíam vermes e lagartas contorcendo-se.

— Há um espaço ali em baixo — anunciou ele.

Quando o buraco já tinha abertura suficiente, puderam todos espreitar para o que estava lá em baixo escondido: um enorme cofre-forte de aço.

Indy alargou o buraco para poder depois puxar o cofre para fora.

— Parece-me bastante forte. — Arrastou o cofre do armário. — Não sei se o pé-de-cabra será suficiente para...

A janela ao lado estilhaçou-se subitamente.

Um homem saltou por ela. A luz reflectia na parede uma pistola na mão do homem.

Indy tentou agarrá-lo pelos pés, mas o atacante bateu-lhe, deixando-o estatelado.

Indy olhou de revés para o homem e gemeu.

Era Beau!

Depois, o bandido corpulento e ruivo saltou pela janela. Agarrou Lizzie e o Dr. Walton, apontando-lhes uma arma.

Por fim, apareceu outro homem, movendo-se mais devagar e com cuidado. Á luz,

Indy pôde ver que era um homem velho, de cabelo fino grisalho e com óculos. Segurava com firmeza uma pistola na mão.

— O meu nome é Giddeon Clegg — anunciou o homem. — Se não sabem, esta casa é minha. — Esboçou um sorriso maldoso. — Isto quer dizer que tudo o que encontrarem aqui me pertence.

CAPÍTULO 10

Indy levantou-se do chão com os punhos cerrados. Não se importou que os homens estivessem armados. Se o Dr. Walton os pudesse distrair por um momento...

Depois, percebeu que Zachary Walton se tinha passado para junto de Gideon Clegg e dos outros dois homens.

— Dr. Walton, o que é que está... — Indy ficou sem palavras quando compreendeu o que o gesto do historiador poderia significar.

—O bom doutor trabalha para mim, percebem? explicou Clegg. — Trabalha desde a altura em que os meus agentes o apanharam em Maryland.

— É verdade, rapaz-disse Beau com um sorriso. — Mas mesmo com a ajuda de Walton escaparam-se uma ou duas vezes. Ainda bem que os apanhei em Christiana.

Indy olhou-o fixamente.

— Mas como sabia que iríamos estar em Christiana? — perguntou finalmente. — Como é que nos encontrou?

O sorriso de Beau alargou-se.

— Digamos que tinha um amigo que ia ao posto telegráfico e me informava da vossa visita seguinte. Indy sentiu-se enojado. Agora sabia porque é que o Dr. Walton precisava de se sentar a toda a hora. E pensar que ficara preocupado quando o historiador os mandava ir ele e Lizzie sozinhos. O homem tinha-os traído todo o tempo!

Lizzie voltou-se para Walton e disse:

— Não pode ser verdade.

Zachary Walton permaneceu no mesmo sítio, sentindo-se envergonhado.

— Receio que sim -disse, finalmente.Eles apanharam-me e levaram-me para aquela carruagem. Primeiro ameaçaram bater-me.

— Suspirou. — Depois ofereceram-me dinheiro. Imenso

dinheiro.

Olhou para Indy e Lizzie.

— Tentem compreender, por favor. Precisava de fundos para a biblioteca sobre a Guerra Civil. E vi uma hipótese de o meu sonho se tornar realidade. Convenci-me que o fim justificava os meios. Tudo o que eles queriam de mim, eram um telegrama ou dois, informando-os para onde íamos. Depois de Nova Iorque, pensei que, quando aqui chegássemos, o Sr. Clegg já teria levado o tesouro. Isso seria o fim de tudo.

—Venha, venha, doutor-disse Clegg. — Miss Ravenall não lhe diria onde o tesouro estava escondido. Por isso, decidi deixar que vocês o descobrissem — acrescentou zombando do Dr. Walton. — Pensei que um historiador saberia lidar com assuntos sujos, ao longo dos anos.

— Você é que deveria saber bem — respondeu Indy, furioso. Clegg olhou para ele aborrecido.

— De qualquer forma, foi um bom negócio.

Investi uma pequena quantia no projecto da sua biblioteca idiota, doutor. Mas tive uma recompensa muito maior: a fortuna de Ravenall.

— Olhou ganancioso para o cofre-forte.

— Beau, arranca aquela fechadura.

— Sim, Sr. Clegg. — Beau apontou a pistola para a fechadura e premiu o gatilho. O estrondo do tiro foi ensurdecedor na pequena sala. Mas a bala fez o trabalho. A fechadura voou para uma das paredes.

— Não fiques aí parado — disse Clegg impaciente.

— Abre-o.

Lizzie esticou o pescoço, ansiosa por ver o que o seu avô tinha deixado.

Beau retirou o cadeado do cofre-forte e abriu a tampa. Mexeu desajeitadamente no conteúdo.

— Não há ouro nem jóias, senhor. Nem notas.

— Olhou para Clegg. Indy ficou espantado ao perceber que Beau estava nervoso.

— A única coisa que aqui há são papéis.

— Dá-mos — disse Clegg, tirando-lhos da mão. Os seus

olhos iluminaram-se de espanto, quando olhou para os papéis.

— Acções!

Mas a sua excitação dissipou-se ao continuar a ler:

— Banco de Atlanta, isto foi incendiado quando os ianques fizeram uma manifestação em 64. Natchez para a Ferrovia de Nashville.

Os ianques arrancaram isso, também.

Oficina Metalúrgica Tredegar, isso foi destruído quando os ianques tomaram Richmond em 65.

Clegg atirou as acções para o cofre.

— Aquele idiota do Ravenall investiu em companhias que já não existem! Foram destruídas durante a guerra. Deve ter gasto milhares de dólares nestas acções. E agora são só bocados de papel sem utilidade.

O rosto de Clegg contorceu-se enquanto olhava para o cofre-forte.

— Tens a certeza de que não há mais nada aqui, Beau?

— Só este pacote atado — balbuciou Beau, enquanto pegava no pequeno embrulho de papéis. Giddeon Clegg passou-lhes rapidamente os olhos.

— Isto são folhas de contabilidade dos registos de meu pai — disse ele. — E isto são cartas de um advogado em Charleston, Harkwood, penso eu.

— Que revelam como o seu pai enganava o meu avô — disse Lizzie furiosa. — Era suposto dirigir a fazenda. Em vez disso, enchia os bolsos.

Clegg olhou para as folhas e para as cartas.

— Isto é a letra do meu pai, está certo. E se ele vendeu tudo o que Harkood comprou, não há registo disso aqui.

— Esse Sr. Harlam deve ter sido um espertalhão-disse o ruivo com um risinho de satisfação.

— Pensar que ele vigarizava esses ricaços de todas as maneiras. Bate.

— Cala essa boca estúpida! — berrou Clegg, apontando-lhe a pistola. O rosto avermelhado do homem ficou pálido enquanto olhava para o patrão. Clegg estava lívido de raiva. — Isto não é assunto para brincadeiras.

Há uma nota de Ashley Ravenall sobre essas folhas de contabilidade, em que diz que guardava estas páginas com prova de roubo. Está datada de 13 de Setembro de 1858.

— É a data em que o meu avô morreu — disse Lizzie.

— Gostaria de saber se Harlam Clegg sabia que Ashley Ravenall andava em cima dele disse Indy. — Suponho que sabia das suspeitas e dos planos do Sr. Ravenall, e acabou com elas provocando um desastre?

— Um desastre que atirou o avô do cavalo por um rio abaixo — disse Lizzie, severamente.

— Não tem provas disso — retorquiu com voz brusca.

— Não, mas há provas suficientes nesses papéis, em como o seu pai era um ladrão. — disse Lizzie. — Sem nunca as pessoas terem duvidado disso...

— Pensar que algo é verdadeiro, é uma coisa. Ser capaz de prová-lo é outra. — Clegg mordiscava os lábios enquanto olhava para aqueles papéis que segurava. — E esta prova representa sarilhos. Serei alvo de riso, e fará com que o meu pai tenha sido um assassino. Voltou-se para Indy e Lizzie com um olhar frio.

— Sabem, vocês têm sido uma maçada para mim. Mas agora estão em perigo absoluto.

Não vou deixar ninguém sair deste quarto sem estar do meu lado. E vocês os dois nunca vão estar, pois não?

Clegg coçou o queixo, pensativamente, e levantou depois a pistola.

— Bem, pelos vistos não será a primeira vez que um Clegg mata um Ravenall que se atravessa no seu caminho.

Carregou a arma.

— E sendo isto propriedade Clegg, não vejo porque é que um Clegg não há-de poder escapar impunemente a um assassínio.

CAPITULO 10

Atrás de Clegg, Indy podia ver Zachary Walton em pé, olhando espantado. A cara do velho historiador estava pálida. Parecia que tinha envelhecido dez anos.

Mas o Dr. Walton agiu como um jovem, quando deu um

salto para atacar Gideon Clegg.

— Você comprou-me como espião — gritou Walton. — Mas todo o seu dinheiro não compra um assassínio. Clegg e ele emaranharam-se numa confusão de braços e pernas. Rolaram até junto de Beau, deitando-o ao chão.

O bandido ruivo preparou-se para agir.

Olhou espantado de boca aberta à espera de ordens. Indy aproveitou a hesitação dele para desferir o ataque. O grandalhão levou valente murro no estômago e a arma caiu para o chão.

Lizzie apanhou-a e atirou-a pela janela.

Walton e Clegg rolaram até junto do homem ruivo. Lutaram pela arma de Clegg, gritando e vociferando. Nenhum deles parecia capaz de conseguir controlar a situação.

Indy voltou-se para a última ameaça presente na sala: Beau, o barbudo, estava de novo em pé, e tinha a arma apontada para Indy.

— Bonita tentativa, rapaz — disse Beau, com os dentes sobressaindo dos bigodes pretos. — Mas desta vez vou mesmo acabar contigo de certeza. Lizzie entrou também na refrega, batendo nos ombros de Beau com a frigideira de Harriet Stoneman. Deu-lhe com toda a força.

Beau cambaleou.

Indy saltou para o barbudo, mas Beau desviou-se, apanhou a arma e apontou-a a Lizzie.

— Não!!! -gritou Indy, tentando agarrar o braço de Beau.

A arma disparou.

Lizzie caiu.

Indy saltou para Beau com toda a força. A raiva deu-lhe novo alento. Arrancou a arma das mãos do homem e atirou-a pela sala.

Depois, começou a dar-lhe murros. Não parou até perceber que alguém lhe batia no ombro, gritando pelo seu nome.

— Indy! Indy! Pára! Vais matá-lo!

O atordoamento dissipou-se quando olhou para cima.

— Lizzie?

Olhou para o sítio onde ela tinha caído.

— Pensei que te tivesse morto.

— Oh, ele disparou contra mim — disse Lizzie. — Receio que Beau tenha feito outra mossa no "tesouro".

Ergueu a frigideira. O fundo tinha agora um buraco enorme com estilhaços de metal à volta.

— Larga essa arma! — gritou uma voz do chão. Indy virou-se. O bandido ruivo estava de joelhos, com os braços à volta da barriga.

Beau tinha caído redondo no chão, inconsciente.

Clegg e Zachary Walton rolavam ainda no chão, lutando.

— É minha, velho ianque!-gritava Clegg, enquanto Walton tentava desviar a arma da mão dele.

Depois, rolaram por cima da lanterna.

O vidro quebrou. O petróleo derramou-se por todo o chão e inflamou-se. A madeira ficou em chamas. "Oh, óptimo", pensou Indy.

Outro fogo. As costas do casaco de Gideon Clegg estavam em chamas. Perdeu a pistola enquanto lutava com Walton e tentou apagar as chamas.

Indy saltou, abafando o fogo em Clegg.

Walton pôs-se de pé e segurou a pistola.

As chamas espalharam-se depressa. Não adiantava apagar o fogo.

—Temos de sair daqui, imediatamente — disse Indy. Incitou o homem ruivo a pôr-se de pé. — Tu e o teu patrão trazem Beau.

Com Walton a guardá-los, — os dois homens levaram o bandido inconsciente.

Indy empurrou-os para a varanda da frente.

Depois percebeu que faltava alguém.

Lizzie não tinha vindo com eles.

As chamas devoravam as paredes apodrecidas da sala de costura, quando Indy voltou para trás. Lizzie não prestava atenção.

Estava ocupada a tentar pôr a salvo o cofre-forte e a frigideira de ferro.

— Lizzie! Esquece! temos de nos pôr a andar antes que isto expluda!

Ela olhou para ele desafiadoramente, com uma das faces enfarruscadas.

— Não saio daqui sem o cofre do avô.

— Mas as acções estão todas...

As palavras de Indy foram interrompidas por um afluxo de chamas que avançaram pela parede e pela porta de entrada, atrás dele. Uma viga apodrecida cedeu e caiu do tecto. A porta estava agora bloqueada pelos destroços em chamas. Lizzie olhou assustada para Indy, mas mesmo assim não largou o cofre.

— E chamas-me tu do contra — disse ele.

Agarrando no cofre e na frigideira, atirou-os pela mesma janela por onde os atacantes entraram. Depois, arrastou-a e correu para a entrada. Foi uma corrida desesperada contra uma parede de chamas. Lizzie escondeu a cara no ombro de Indy enquanto atravessavam.

A seguir ficaram na fria escuridão da noite.

Estavam os dois bem, à excepção de algumas manchas de fumo que tinham na roupa.

Lizzie começou a juntar o conteúdo espalhado do cofre. Indy encontrou o Dr. Walton com a pistola na mão a vigiar os prisioneiros.

— Que é que fazemos com eles? — perguntou o doutor segurando na arma com modos nervosos.

— Vi uma corda na nossa charrete — respondeu Indy, correndo para os portões da frente. Voltou com um rolo de corda e pôs mãos ao trabalho. Em pouco tempo, Gideon e os seus rapazes estavam atados.

— Não irão a lado nenhum agora — disse ele, satisfeito. — Penso que devemos anunciar o fogo.

— Parece incrível. — Lizzie olhava fixamente para a mansão em chamas. A velha casa da fazenda tinha-se tornado num inferno.

As chamas atingiram já o segundo andar e a parte detrás da casa, expelindo chispas e fumo para o céu.

— Penso que Lizzie deu o sinal — concordou o Dr. Walton, pondo a mão em concha no ouvido. Ouviam à distância a sirene dos bombeiros. — Parece que os bombeiros vêm a caminho.

— Então podemos deixá-los e sair daqui — disse Indy.

Lizzie concordou.

— Vamos direitos à cidade. O comboio-correio deve estar a passar. Podemos apanhá-lo.

Meia hora depois iam de comboio para Charleston. O sol começava a aparecer, mas o Dr. Walton ia encostado no banco a dormir.

Estava completamente exausto depois da briga com Gideon Clegg. Indy passou o tempo a ver se alguém os perseguia. Lizzie mexia nas coisas do cofre do avô.

Quando acabou tinha três pilhas de papéis ligeiramente chamuscados.

— Que é isso? — perguntou Indy, voltando-se da janela. Estavam finalmente livres do domínio de Clegg. E não parecia que estivessem a ser perseguidos.

— Esta pilha aqui é a prova de como Harlam Clegg era um ladrão — disse Lizzie apontando para um monte de papéis. — Vou entregar isto a algumas pessoas em Charleston.

Gideon Clegg é poderoso e considerado no seu domínio. Mas há imensa gente na Assembleia Legislativa que ficaria contente em humilhá-lo. — Pôs a mão sobre outra pilha de papéis. — Estes são os investimentos do avô em companhias confederadas. Muitas delas como as Oficinas Metalúrgicas Tredegar foram destruídas durante a guerra. O resto, receio que tenham falido.

— Nenhuma delas vale nada? — perguntou Indy. — Lamento muito, Lizzie.

— Não tenhas pena — disse Lizzie com um sorriso. — O avô não investiu só no Sul.

Gideon Clegg teria descoberto se tivesse olhado bem. — Ela apontou para uma terceira pilha de papéis. — Estas são todas as companhias do Norte. Algumas delas fizeram bom negócio durante a guerra. Há os Caminhos de Ferro de

Baltimore e Oaio, as Armas de Fogo Colt, a Pólvora Du Pont, e um punhado de fábricas siderúrgicas.

Lizzie abanou a cabeça e sorriu.

— Parece que não tens que te preocupar comigo.

Lizzie Ravenall voltou rica para Washington.

Indy não a viu muito na semana seguinte, enquanto estava ocupada com os assuntos todos. Um deles era doar dinheiro para a biblioteca de investigação da Guerra Civil. O Dr. Walton ficou muito feliz.

Porém, Indy não se sentia muito feliz.

Quando chegou a casa, descobriu que o pai tinha novos planos que não o incluíam. Em vez disso, Indy deveria acompanhar um amigo do pai ao Egipto. Egipto!

De um momento para o outro, Indy teve de se despedir de Lizzie. Pelo menos ia tentar despedir-se.

— Lizzie, eu... vou ter muitas saudades tuas — deixou finalmente escapar. Sabia que estava outra vez a corar.

Lizzie tomou-lhe o braço.

— Indy, tens sido um verdadeiro e corajoso amigo. Nunca te esquecerei. — Inclinou-se e beijou-o na face. Ela tinha-o beijado!

— Comprei-te um presente — continuou ela. — Parece-me no mínimo justo, depois de tudo o que passaste por mim — acrescentou, entregando-lhe uma enorme caixa redonda.

Indy abriu-a ansioso e encontrou um chapéu de palha masculino.

— Sabia que ias gostar desse. É igual ao que usavas quando nos encontrámos — disse Lizzie. — Lembras-te? Ficou esmagado.

— Oh, obrigada, Lizzie. Era mesmo o que precisava. Ficou a olhar para a caixa do chapéu e depois para o rosto sorridente da rapariga. Talvez sair de Washington não fosse má ideia.

Sentiria a falta de Lizzie. Mas não teria de usar aquele chapéu idiota. E quem sabe?

Tudo podia acontecer no Egipto.

NOTA HISTÓRICA

A Ferrovia Subterrânea existiu. Muitas pessoas arriscaram a sua liberdade e muitas vezes a vida para ajudarem os escravos a fugir do Sul. Quantos escravos escaparam? É uma questão que os historiadores ainda põem.

Uns dizem que cerca de meio milhão de escravos usaram as estradas da Ferrovia Subterrânea, entre 1820 e 1860. Outros dizem que foram pouco mais de dez mil. Ninguém sabe. Histórias sobre a fuga dos escravos eram muito comuns nos jornais do Norte. As histórias dos escravos que fugiam disfarçados nos barcos para alcançarem a liberdade vêm desses tempos.

Os principais personagens da história são todos inventados. Não houve nenhum Garrick Lloyd, mas houve um William Lloyd Garrison, um editor fogoso que lutou pela abolição da escravatura. E apesar de Harriet Stoneman ser uma personagem imaginária, existiu uma Harriet Tubman. Fugiu da escravidão, mas regressou ao Sul por dezanove vezes, para levar a sua família e outros escravos para a liberdade. Ela também foi escuteira, espia e enfermeira durante a Guerra Civil. Harriet Tubman era conhecida como o "Moisés" da sua gente. Por estranho que pareça morreu em 1913 — o ano em que se passa esta história.

FIM

Este *ePub* teve como base uma digitalização em *Pdf* feita por um autor desconhecido.

Para a capa, utilizei como modelo uma edição norte-americana.

Maio de 2014

LeYtor